



O HOMEM MÁQUINA. DISCURSOS SOBRE O CORPO



COMITÉ OLÍMPICO
DE PORTUGAL

Índice

4

Prefácio

Rui Proença Garcia

9

***Apresentação e Contextualização do projeto:
O Homem Máquina. Discursos sobre o Corpo***

Ana Paula Jardim

12

***Os Caminhos do Corpo: Os diálogos entre
o TER corpo e o SER corpo***

Camilo Cunha

18

O envelhecimento do herói, que lugar no mundo?

Jorge Crespo

20

***Atlas do Corpo e da Imaginação Movimento
e pensamento – sobre A Teoria do Passo de Balzac***

Gonçalo M. Tavares

24

***Pensar o Corpo através do Desporto, Hoje: Limite
ou superação? Harmonia ou Excesso?***

João Tiago Lima

27

A Estética do Corpo Desportivo

Teresa Lacerda

PREFÁCIO

Rui Proença Garcia

Faculdade de Desporto, Universidade do Porto

Rui Proença Garcia, 2011

Em boa hora o Comité Olímpico de Portugal promoveu uma série de conferências, que decorreram em várias cidades do nosso país, subordinada à temática: O Homem Máquina. Discursos sobre o Corpo. À diversidade de lugares para as conferências, também se fez sentir a multiplicidade de abordagens que os ilustres oradores desenvolveram com uma competência irreprensível, colocando agora os seus vastos conhecimentos à disposição de todos através da arte de bem escrever.

Rui Proença Garcia, 2011

No que respeita aos discursos sobre o corpo não há lugar à monotonia tal é a variedade de perspetivas existentes. O corpo é uma entidade omnipresente no conhecimento. Está presente na Medicina, onde é fragmentado até ao quase-nada, dissecado até à intimidade da célula. Está na Literatura, tanto na poesia como nas prosas mais ficcionais, nas Artes Plásticas, no Cinema e no Teatro. Está presente na Educação, ocupando mesmo um lugar de relevo. A Filosofia tem o seu discurso, tal como a Antropologia, Sociologia, História, Teologia e tantas outras áreas do pensamento o têm. O corpo é, inclusive, um pressuposto ideológico que ao longo dos tempos tem sido mobilizado para fins nem sempre dignos. As Ciências do Desporto, subsidiárias de todos estes territórios do saber, também são um lugar de interrogação sobre o corpo, não se confinando apenas à enunciação dos seus fragmentos ou à simples medição das suas capacidades. Se bem que a racionalidade cognitivo-instrumental pareça ser atualmente hegemónica, as racionalidades estético-expressiva e moral-prática¹ também ocupam os seus devidos lugares, possibilitando que o desporto interrogue o homem através destas formas de perceber o mundo, e ao fazê-lo pergunta-lhe pelo corpo.

Rui Proença Garcia, 2011

Pergunta-lhe por aquilo que sente: Dor ou prazer, prazer na dor ou dor no prazer? Como é possível alcançar um estado de felicidade quando se sabe que não há superação sem um mínimo de sofrimento?

Rui Proença Garcia, 2011

Pergunta-lhe se tem ou se é um corpo: Se tem, quem é a entidade que o possui? O dualismo ou o monismo são convocados para se compreender aquilo que somos, embora fique ainda sem resposta a questão *quem somos*. Se à pergunta *o que somos* é possível responder enunciando as partes constitutiva do homem, quem somos leva-nos campos de reflexão de outra dimensão e, cremos, complexidade.

Rui Proença Garcia, 2011

Pergunta-lhe pelo seu lugar no envelhecimento: Onde

1. O corpo e o desporto

Rui Proença Garcia

Faculdade de Desporto, Universidade do Porto

Rui Proença Garcia, 2011

está o herói de outrora agora que envelheceu? De facto, o desportista parece, como apontava Séneca em relação ao homem em geral, *que vive apenas uma pequena parte da vida*². O estatuto de herói nem sempre é... para sempre. No fim de contas, o corpo envelhecido do herói constitui-se numa metáfora da historicidade humana.

Rui Proença Garcia, 2011

Pergunta-lhe sobre a relação do movimento com o pensamento: Não será o movimento o princípio de onde decorre o Verbo? Sim, porque o verbo é a palavra que designa ação e o movimento é a primeira ação humana.

Rui Proença Garcia, 2011

Pergunta-lhe pelos limites do humano: Quais são? E como é possível atingi-los? Como expressão de uma harmonia ou como um excesso?

Rui Proença Garcia, 2011

Pergunta-lhe pela sua beleza: onde reside a beleza do ato desportivo? Que relação entre o ethos da imagem e o ethos da visão do corpo?

Rui Proença Garcia, 2011

No fim de contas pergunta-se pela dimensão verdadeiramente humana do desporto³!

Rui Proença Garcia, 2011

São interrogações que se podem fazer e que os autores dos textos aqui incluídos fizeram com toda a liberdade e, mais, tentaram responder. Então, este livro é constituído por respostas a perguntas sobre o corpo. Não de um corpo abstrato como se encontra em muitas publicações existentes, mas do corpo visível no cenário olímpico, de um corpo que busca alguns dos limites humanos, de um ser esforçado!

Rui Proença Garcia, 2011

O desporto, com o Movimento Olímpico em lugar de enorme destaque, tem o condão de interrogar o homem, colocando-lhe perguntas incómodas cujas respostas por vezes levantam novas interrogações. O desporto, embora simples na aparência, constitui-se como uma das mais complexas experiências fundamentais do corpo. O radicalmente humano também se evidencia nas ou pelas práticas corporais, nomeadamente pelo desporto olímpico.

Rui Proença Garcia, 2011

Por sugestão de Gonçalo M. Tavares, podemos iniciar pelo princípio esta breve reflexão sobre os textos aqui apresentados pelos diversos conferencistas. E no princípio era o Verbo [ou a Palavra] (João, 1: 1-3).

Rui Proença Garcia, 2011

Embora conscientes que a interpretação da Bíblia não é uma tarefa que esteja ao nosso alcance, tomamos a

2. O corpo e a liberdade

Rui Proença Garcia

Faculdade de Desporto, Universidade do Porto

Rui Proença Garcia, 2011

liberdade de ver o Verbo como a ação Criadora. Com efeito, e agora no mundo mais chã, o verbo é uma palavra indiciadora de ação, sendo o movimento a primeira atividade de um ser recém-nascido. As ações de espernear e de bracejar manifestam-se no momento do nascimento. É por esse movimento corporal que sabemos que estamos perante um nado-vivo. O silêncio corporal de um bebé preocupa-nos de sobremaneira!

Rui Proença Garcia, 2011

Então, prosaicamente, podemos dizer que movimentar é o primeiro verbo de um ser que quer ser humano⁴ . Esse movimento reside no corpo. Pode ser ainda uma simples evidência do viver e não ainda, em completo, do existir. Pode ser, por isso, apenas uma manifestação ou pulção biológica e não ainda, em completo, uma expressão metafísica. Pode ser, como adianta Camilo Cunha no seu texto, uma expressão do zoe e não ainda, em completo, do bíos, mas o destino, da primeira para a segunda grandeza, é inexorável.

Rui Proença Garcia, 2011

Sim, é verdade que os animais também nascem munidos de capacidades para se movimentarem, mas duvidamos que algum dia venham a saber ou a refletir sobre isso. Para eles o movimento nunca será um problema metafísico. O ser humano movimenta-se em e com consciência, mobilizando a dimensão corporal para expressar sentimentos, tornando significativa uma capacidade biológica. Pode expressar dor ou prazer, dor no prazer ou prazer na dor, mas esse movimento assume-se como o suporte que evidencia uma sensação. Como escreveu Carlos Rocchetta⁵ , o corpo é o campo expressivo do eu, e a linguagem que nos permite situar em comunicação uns com os outros, conhecermos e reconhecermos, acolhermos e entregar-nos, sendo que tal condição corpórea se processa através do movimento. Não se trata de uma visão global e abstrata do movimento, mas daquele carregado de intencionalidade, de valores, no fim de contas de uma ação humana, isto é, de um movimento processado pela cultura, onde incluímos o desporto.

Rui Proença Garcia, 2011

Não conseguimos descortinar se o atleta se situa entre a dor e o prazer, como muito bem refere Ana Santos. Não sabemos – ainda não sabemos, apesar de durante 25 anos termos treinado diariamente – se estamos entre ou na dor e no prazer num infindável processo dialético. Sim, porque não sabemos se dor e prazer são pontos extremos onde nos situamos, e por tal estamos entre um e outro, ou, ao invés, se a prática desportiva nos concede o direito a ter prazer na dor e dor no prazer. A experiência

3. O corpo e a dor

Rui Proença Garcia

Faculdade de Desporto, Universidade do Porto

Rui Proença Garcia, 2011

de cada Pessoa, subjetiva porque centrada no sujeito, é fundamental para o cabal esclarecimento destas dúvidas.

Rui Proença Garcia, 2011

O limite – até onde o corpo pode ir, pergunta intemporal já colocada na Antiga Grécia pela Filosofia – só pode ser buscado com prazer mas, ao mesmo tempo, apenas é conseguido com sofrimento. É por isso que se trata de um limite, e os limites não se alcançam sem um enorme esforço. A mitologia clássica, que consubstancia os Jogos Olímpicos e que se constitui num dos seus mais importantes legados, o axiológico, está aí para o comprovar. A dor e o prazer convocados em sintonia pelo desporto elevam o ser humano a um patamar superior. De facto há sofrimento e satisfação mas na busca daquilo que poderemos designar de perfeição, conquanto esta não se alcança, sendo mais um elemento regulador da atividade humana. O limite não é conseguido só com a dor ou somente com padecimento. Uma ou a outra, per se, não têm a real capacidade de nos fazer conquistar o recorde, que pode ser visto como um limite, ainda que o queiramos temporário. Em suma, não se atinge um recorde, metáfora de limite, sem dor, porque não se vive sem dor⁶ . Essa procura do marco humano possibilita-nos, ainda que com dor, uma sensação de felicidade extrema.

Rui Proença Garcia, 2011

O corpo olímpico pergunta avidamente pelos seus limites. Tal como nos advertem I. Prigogine e I. Stenger⁷ , não sabemos do que é capaz o corpo humano se certos limiares forem ultrapassados, nem, dizemos nós, conhecemos que consequências trará para o homem ultrapassar certas barreiras. Perante essa superação podemos espantar-nos com aquilo que o ser humano é capaz. Quem diria há 50 anos que um dia um homem conseguiria correr 100 metros em 9,58 segundos⁸? Lembra Dostoiévski que o sentido mais profundo da existência humana consiste em curvar-se ante o infinitamente grande. Curvemo-nos perante aqueles que conseguem incríveis façanhas desportivas! Poderão não ser Pessoas infinitamente grandes mas conduzem o homem para o limiar das suas possibilidades. Que encanto ganha aquele corpo quando ultrapassa os ditames da máquina, abeirando-se da condição (quase) celestial!

Rui Proença Garcia, 2011

A trilogia olímpica, citius – altius – fortius, é um convite à busca incessante pelos confins do ser, à sua permanente insatisfação, sentindo a necessidade de perguntar pelo infinito, que parece que viaja conosco, sempre um pouco à frente, pelo que nunca é alcançado a não ser no final dos tempos. Não se tratam apenas dos limites

^[1] A respeito das diversas racionalidades seguimos Boaventura Sousa Santos, no seu livro Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. Porto: Edições Afrontamento, 1996, 5ª ed., pp. 193-196.

^[2] Séneca. Da brevidade da vida. Carcavelos: Coisas de Ler Edições, p. 10 (edição de 2005).

^[3] O Papa São João Paulo II (2013) refletiu sobre esta relação (Teologia do corpo. Lisboa: Alêtheia Editores, pp. 373-378). Podemos, trazendo o assunto para um nível mais rasteiro, pensar nas imagens do Voleibol de Prata feminino e questionar se as imagens desportivas não são vistas como outra coisa por algumas Pessoas.

^[4] Anthony Giddens (1994) aponta que um recém-nascido não é um ser humano mas um há-de ser humano, que só o será quando for chamado à vida pela cultura. Embora não compartilhemos totalmente essa posição, fica aqui registada. Modernidade e identidade Pessoal. Oeiras: Celta Editora, pp. 34-35.

^[5] Carlo Rocchetta (1993). Hacia una teología de la corporeidad. Madrid: Ediciones Paulinas, p. 12 (adaptado).

^[6] Manuel Ferreira Patrício (1996). A Escola Cultural. Horizonte decisivo da reforma educativa. Porto: Texto Editora, p. 72.

^[7] I. Prigogine e I. Stenger (1993). Limiar. Enciclopédia Einaudi, vol. 26. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 84.

^[8] Em 1965, há 50 anos, o recorde do mundo de 100 metros era do norte-americano Bob Hayes, que correu esta distância em 10,0 segundos.

mecânicos ou fisiológicos sugeridos pela ideia do Homem Máquina, tão bem apresentada por Ana Paula Jardim e por Jorge Crespo. Não! É muito mais do que isso. É um convite à transcendência humana, um convite para que se ultrapasse a ditadura temporal a que estamos sujeitos. O discóbolo esculpido por Míron, pela pedra, ultrapassou os limites temporais a que o corpo humano está sujeito. Eternizou-se e assim atingiu a plenitude temporal. Pelo desporto esse discóbolo continua a existir, embora já não viva entre nós. E é através do corpo, agora petrificado, que se expressa a vitória eterna.

Não é nossa intenção dicotomizar o ser humano – corpo e alma – nem de apresentar teorias unitárias, normalmente situadas no campo do monismo materialista, que muitas vezes escondem o referido dualismo, mas apenas acentuar a importância, talvez mesmo antropológica, do corpo para o homem. Vários autores dos excelentes textos que compõem este livro abordam direta ou indiretamente o dualismo cartesiano, que podemos já encontrar em Platão (o corpo é o túmulo da alma⁹). Podemos até avançar, na linha de Anselmo Borges, que a filosofia ocidental não tem feito outra coisa senão variações sobre o tema do dualismo do corpo e da alma¹⁰.

Não sabemos se temos ou se somos um corpo. Já soubemos que tínhamos um corpo e depois soubemos, com toda a certeza, que éramos um corpo. Ter ou Ser digladiam-se quando se fala de corpo.

Hoje “sabemos” que o corpo é uma dimensão do nosso existir – não confundir com viver, que, repetimos, é biológico enquanto existir é metafísico – e que ao longo da vida, qual borboleta, se metamorfoseia numa impressionante diversidade.

O corpo do recém-nascido, não sendo a mesma coisa, é o mesmo dessa Pessoa quando envelhece. As células, ou seja o suporte material, podem ser outras mas aquilo que é matricial continua perene na Pessoa, naquela mesma Pessoa. Não é uma alteração do “revestimento” que altera a grandiosidade do ser.

O corpo humano também não é uma simples habitação. Não habitamos um ou num corpo. Se assim fosse, podíamos mudar de casa de um momento para outro. Não é assim que se processa no ser humano. Como adianta Louis Marin¹¹, «eu» pertence ao meu corpo sem que «eu» o possa jamais abandonar para dizer que é meu ou de

outrem, a não ser com uma ficção. Talvez para fugirmos às muitas discussões existentes, preferimos pensar que o corpo evidencia o tempo. Por outras palavras, o corpo é o tempo humano encarnado!

Não é nossa intenção reduzir tudo a tempo, mas tal intento não seria de todo impossível. Tudo começou, tanto na perspetiva cristã como na científica, num determinado momento. O tempo inicia-se nesse momento. Depois, bem, depois sabemos o que aconteceu. Estamos aqui como resultante da seta do tempo, essa entidade fugidia aos grilhões das definições. E estamos, de corpo e alma, aqui e agora a discutir o corpo convocado pelo Movimento Olímpico.

O corpo olímpico não é apenas a superfície humana. Não! Vai muito mais longe, perscrutando a sua funcionalidade e ao mesmo tempo a integralidade do próprio ser humano. O olimpismo não se fica pelo discurso da imagem – é importante, como muito bem nos tem mostrado Teresa Lacerda, mas não pode ser tudo – aprofundando e adentrando em outros âmbitos, podendo mesmo ter a capacidade de fundar um domínio da antropologia.

O corpo do desporto olímpico não se mascara porque o cronómetro não permite que tal aconteça. Não é possível falsear a realidade – o doping, qual máscara, é altamente punido –, sendo o desporto um exemplo de verdade. A Pessoa funciona ou não funciona. Nada pode falhar, podendo falar-se de corpos hi-fi, que em conjunto com outras dimensões da Pessoa dá origem ao campeão. Quando uma só dimensão humana falha, o campeão não consegue realizar aquilo que está ao seu alcance.

O desporto, ao reclamar pela busca do limite, impõe que o ser humano se afirme como uma globalidade. Pensar, como lembra Ana Paula Jardim ao citar La Mettrie, no Sr. Machine como alguém que não tem alma; não tem espírito, nem razão, nem discernimento, nem tem gosto, educação ou princípios: nele tudo é corpo e matéria, sendo apenas uma pura-máquina será pensar erradamente. O homem olímpico tem alma, espírito, razão, discernimento, gosto, educação e princípios. Há corpo, tem de haver, inscrito na globalidade humana.

Por outro lado, o desporto olímpico convoca para o seu seio praticamente toda a diversidade corporal existente no humano. Nele coexistem em harmonia Pessoas altas e baixas, “gordas e magras”, resistente e explosivos entre

outras possibilidades dicotómicas. Há também lugar para as Pessoas com deficiência (note-se que escrevemos Pessoas com um P maiúsculo e minusculizamos o d da deficiência a fim de exaltar a Pessoa e subalternizar a deficiência), também elas, todos nós em potência, com capacidade de se expressarem pela diversidade. Não cremos na ideia da igualdade, nem nos identificamos com o conceito de diferença. Somos defensores da noção de diversidade, neste caso de diversidade humana. A altura, peso, força, sexo, eventuais deficiências e tantas outras singularidades são expressões da diversidade humana que convém levar em devida consideração. As dicotomias referidas (não confundir distinto com diferente) e o surgimento dos Jogos Paralímpicos mostram que o ser humano, apresente-se corporalmente na condição que for, é o sujeito do desporto, não havendo limites para a sua participação.

Há tempos, com o inestimável apoio da saudosa Doutora Adília Silva, analisámos os recordes de várias modalidades dos Jogos Paralímpicos a fim de comprovar a hipótese central desse estudo: não há ainda uma expressão suficientemente convincente para qualificar um determinado contingente de Pessoas. A denominação Desporto Adaptado peca porque todo o desporto tem de ser adaptado a quem o pratica. É por isso que no Atletismo as barreiras têm alturas diferentes, os pesos dos engenhos de lançamento são diversos ou no Voleibol a altura da rede é díspar consoante se tratem de competições masculinas ou femininas, de jovens ou de adultos. A designação Desporto para Deficientes também peca porque não há Pessoas deficientes. Há, isso sim como já vimos, Pessoas com deficiência(s). As palavras Incapacidade e afins, pelas extraordinárias performances alcançadas, mostram que são Pessoas com enormes competências, passe o dualismo, corporais. Infelizmente são poucos os atletas dos Jogos Paralímpicos que emergem como heróis. O texto de Teresa Lacerda tenta mostrar, pela ótica do pensamento estético, as razões para tal. E, como já referimos, também Jorge Crespo, embora relativamente aos velhos, procura as razões da perda do estatuto de herói em virtude do envelhecimento tornado visível pela forma e funcionalidades corporais. Velho e Pessoa com deficiência(s), numa dada perspetiva, compartilham o drama do esquecimento pela sociedade orientada por valores da juventude e pela ditadura da imagem por ela imposta.

No desporto há Pessoas. Só e pronto! Há Pessoas que

participam com determinadas condições, conseguindo feitos extraordinários. No desporto não estamos apenas diante do corpo espetáculo mas perante o espetáculo do corpo. Contemplemos esse maravilhoso espetáculo! Deliciemo-nos com a harmonia da beleza humana, física, moral e espiritual, no fim de contas o elevado conceito de kalokagathia da antiga cultura grega!

Talvez sem a visibilidade ou o encanto dos Jogos Olímpicos de Verão, o Comité Olímpico Internacional promove os Jogos da Juventude e Jogos para onde convoca as modalidades de Inverno. O corpo – e a Pessoa – ainda em formação e o corpo revestido por grossas roupas emergem no universo do olimpismo, rompendo com alguns preconceitos que (ainda) pululam por aí.

O conceito de corpo é polissémico, espalhando-se por uma miríade de sentidos [olímpicos] que um só livro, para mais com as características enunciadas para este, não pode comportar. Ficaram diversos corpos por analisar nestas conferências. Não se falou do corpo de juizes, do corpo de conhecimentos ou do corpo de leis, claro está que referentes ao olimpismo. Neste livro há o corpo físico, mas como é do olimpismo é muito mais do que matéria. É já um corpo chamado à razão pelos valores e pelas exigências do desporto. É um corpo de um ser que verdadeiramente existe!

Embora fugidamente, o tema do corpo saudável e, por antinomia, do corpo doente, surgiram nestas páginas, o que apraz registar. Mesmo a morte, por vezes ainda vista como um interdito no conhecimento do desporto, tem lugar nestas reflexões, o que mostra a atualidade da obra. Desfazer tabus é imprescindível na reflexão sobre o corpo humano.

Porém, não podemos encerrar este convite para a leitura deste estimulante livro sem fazer uma referência a um corpo repetidamente esquecido, que é olímpico, o do cavalo. Sim, o corpo do cavalo!

Talvez não tenhamos presente que pelo menos desde o tempo de Píndaro que o cavalo está presente nos Jogos Olímpicos. Para os Jogos 472 a.C¹². estão descritas três competições equestres.

Cavalo e cavaleiro formam um corpo só, de tal forma que ambos são declarados campeões. O cavalo é uma extensão do cavaleiro e este, por seu turno, amplia o

⁹ Platão, *Górgias*. Lisboa: Edições 70 (edição de 2004), fragmento 493a.

¹⁰ Anselmo Borges (2003). *Corpo e transcendência*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, p. 13.

¹¹ Louis Marin (2000). *Corpo*. Enciclopédia Einaudi, vol. 42 – Sistemática. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 170.

¹² Este dado tão preciso é-nos possibilitado pela Doutora Maria Helena da Rocha Pereira (1988). *Estudos de História da cultura clássica. Volume I – Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.327.

O HOMEM MÁQUINA. DISCURSOS SOBRE O CORPO

Ana Paula Jardim

cavalo, criando uma unidade, uma só entidade. Nem este nobre animal pode ser percebido como um corpo-máquina, tendo reações muito particulares, próprias, imprevisíveis e decisivas para o êxito, neste caso, desportivo.

Pode parecer estranha a referência ao cavalo nesta apresentação de um livro que não se refere a este animal em qualquer umas das suas belas páginas, mas este nobre animal é também sujeito, com vontade própria, dos Jogos Olímpicos. Além do homem, só o cavalo entra no universo olímpico e com uma existência própria. O cavalo não é apenas um instrumento para a prática. Se fosse somente uma ferramenta não seria premiado, tal como a bicicleta ou a “cadeira de rodas” nos Jogos Olímpicos ou Paralímpicos não são consideradas campeãs, sendo galardoados unicamente as Pessoas que utilizam instrumentalmente esses meios de locomoção.

Queremos terminar, acentuando que num livro há um permanente diálogo entre o leitor e a escrita. Há uma constante viagem entre dois eus, o eu de quem escreveu e o eu de quem lê, estabelecendo uma conversa íntima, podendo o leitor ficar a conhecer muito melhor o autor do texto e, pasme-se, o leitor ficar a conhecer-se melhor.

A leitura atenta dos diversos textos fez com que no final pudéssemos dizer que ficámos a conhecer melhor, muito melhor todos os intervenientes das conferências que viram plasmados no papel as suas reflexões, preocupações e os seus enormes conhecimentos. Igualmente tomámos melhor consciência daquilo que vamos sendo.

É por tudo isto que convidámo-lo a ler este absorvente livro sobre o corpo no olimpismo ou, se quisermos, sobre o ser humano nos Jogos Olímpicos.

Este livro que vão ler não podia ser mais atual e pertinente! Talvez ainda se direcione para a resposta à pergunta o que é o homem?, mas já lança importantes pistas para a questão mais aguda quem é o homem?, onde a simples enunciação das partes não é suficiente para o cabal esclarecimento da nossa condição humana.

Quem sabe se num futuro próximo o Comité Olímpico não lança o desafio de saber quem é o homem que cumpre formar em cada atleta/jogador?

Sinopse

Dirigido prioritariamente ao público em geral, este projeto constitui um ciclo de conversas com 6 sessões e tem por objetivo a criação de um espaço informal de encontro com diversas personalidades (escritores, políticos, jornalistas, desportistas, académicos, médicos, artistas plásticos, etc.) sobre as diversas leituras existentes sobre o corpo, na perspetiva histórica e atual. O objetivo é refletir sobre um dos temas mais transversais da história das ciências humanas, com especial enfoque para o discurso e práticas desportivas.

Descrição

O mote

A escolha da obra polémica de um dos autores materialistas mais criticados do Iluminismo não é inocente. Publicada em finais de 1747, embora com data de 1748, esta edição foi anónima. Apesar de uma grande onda de repúdio (de que fazem parte nomes como Voltaire, Diderot e D'Alembert que foram também eles alvo de perseguição) L'Homme Machine teve onze edições só na segunda metade do século XVIII (a que se seguiu, depois, durante todo o século XIX, um longo período de esquecimento). Para além das diatribes filosóficas, nomeadamente as que dizem respeito às questões dos pensadores materialistas, (que não se inscrevem nesta reflexão), interessam-nos sobretudo recuperar como ponto de partida a ideia seminal apresentada nesta obra: para o médico ateu La Mettrie, o corpo humano era como uma máquina, um mecanismo complexo obedecendo a regras precisas.

Anti-humanista, La Mettrie via no homem um animal como outro qualquer. O corpo humano é uma máquina que desenvolve o seu próprio movimento. É a imagem viva do movimento perpétuo. Esta ideia parece estar, atualmente, na base de muitos dos discursos contemporâneos sobre o corpo, especialmente, na fabricação dos atletas desportistas e das ficções das suas performances, cada vez mais exigentes e perfeccionistas. “Quanto ao nascimento do Sr. Machine, serei tão breve quanto possível. Não me preocupa grandemente não saber em que retorta se organizou esta matéria tão

grosseira e pesada. Mal se formou tornou-se uma máquina (...) e talvez o Sr. Machine se tenha constituído à maneira das construções que o Sr. Vaucanson apresentou em Paris. Porque, com elas, o Sr. Machine não tem alma; não tem espírito, nem razão, nem discernimento, nem virtude, nem tem gosto, educação ou princípios: nele tudo é corpo e matéria. Pura-máquina, homem-planta, homem-máquina, homem mais do que máquina: eis os títulos que ele patenteia, de que se orgulha e que mais ambiciona”.

Julian Offray de la Mettrie

Contextualização

Dos discursos do corpo fala-se bastante. É, no entanto, fundamental ter em consideração que os discursos sobre o corpo são tão importantes como os discursos do corpo. São estes que fornecem a matriz cultural e o quadro de referência ideológica a partir do qual os discursos do corpo se podem desenvolver e recriar. Mas a que chamamos discursos sobre o corpo? De uma maneira sintética diríamos que discursos sobre o corpo são todos aqueles que tendem à sua normalização e generalização. Nesta medida, todos os ramos do saber, e especificamente as ciências sociais têm um ou vários discursos sobre o corpo. Existe um discurso sobre o corpo do desportista, o corpo do doente, o corpo do delinquente, o corpo do recluso. Existe um discurso sobre o corpo da criança, o corpo da mulher, o corpo do homem...

Dos discursos feministas (também relacionados com o corpo) aos discursos sistémicos, por exemplo de um Edgar Morin (em que o corpo é um complexo gerador-regenador), passando, por exemplo, pela máquina desejante que é o corpo na espantosa conceção Deleuziana, até aos diferentes discursos do paradigma psicanalítico (paradigma no sentido que a epistemologia Kuhniana lhe concede) ou aos também diferentes discursos do paradigma behaviorista, estamos sempre em presença de discursos sobre o corpo. Desde sempre a história e o pensamento produziu discursos sobre o corpo, que obedeciam, consoante a época, a práticas muito particulares que refletiam um determinado modus vivendi.

O Olimpismo, a materialização do sonho “visionário” de Pierre de Coubertin é bem disso exemplo, fazendo ressurgir, qual Fénix renascida das cinzas, uma prática imemorial assente nos desafios colocados ao corpo como sistema capaz sempre de se superar a si mesmo. Esta prática tornou-se verdadeiramente universalista, contribuindo para o desenvolvimento e a expansão da humanidade, realizando-se para além de todas as querelas e todos os conflitos, para além de todas as diferenças, sejam elas económicas, sociais, étnicas ou outras.... Da Grécia, mais propriamente da Olímpia ficaram os ideais e o núcleo competitivo, de cuja recriação faz parte, desde 1896, o festival desportivo que tem, tal como há mais de vinte séculos, como fulcro o estádio e as suas corridas, saltos e lançamentos. As outras duas componentes subjacentes aos Jogos da Antiguidade, a religiosa e a cultural, tiveram no seu renascimento tratamento diferente. A primeira, génese dos Jogos no séc. VIII a. C. foi obviamente ignorada, aparecendo apenas no simbolismo da cerimónia do acender da chama olímpica. Quanto à cultural, da qual as competições eram parte integrante, o Comité Olímpico Internacional, imbuído dos ideais de Coubertin, tem sabido enquadrar o Festival Desportivo no ambiente cultural a que deve pertencer. Do Festival da Olímpia fica esse arquétipo intemporal, que fala desse corpo atlético como símbolo forjado entre a dor e o prazer que a competição incita: a corrida de estádio, que corresponderia a seiscentas vezes o pé de Hércules (192,27 metros?) e a Coroebus, da Élide, o primeiro herói olímpico a vencer este desafio na aurora desta competição, em 776 a.C.

Estas são práticas discursivas que eram condicionadas pelos próprios paradigmas e representações sociais de que o corpo e o homem sempre foram objeto. Significa, em última análise, que ao longo da história do pensamento se multiplicaram as leituras sobre o corpo, funcionando, quase sempre ao nível dicotómico:

- Corpo biológico/corpo psicológico

Enquanto organização biológica, o corpo deve estar inscrito na própria filogenese do humano. As modificações biológicas (tais como bipedismo e a posição eréctil, a libertação da mão e a oposição do polegar, a encefalização e o aumento das capacidades sensorio motoras) resultaram, certamente, de mutações genéticas ambientalmente selecionadas. Contudo as implicações comportamentais destas modificações (a emergência de funções cognitivas complexas ou a introdução da dimensão imaginária no comportamento) não se podem compreender sem o recurso ao contexto ecológico e aos modos de organização social implicados nos aspetos básicos de subsistência do “mutante humano”.

A cultura tal como o cérebro, constitui um “epicentro” do processo de hominização, é o próprio desenvolvimento do sistema nervoso que pressupõe o papel “coorganizador” do meio físico e social. Paradoxalmente é a biologia do homem que abre o caminho para a ação dos mecanismos psicossociais que regulam o funcionamento do corpo. De simples organização biológica, o corpo transforma-se, progressivamente, no referente material do próprio conceito ou imagem de si: “eu tenho um corpo”. É este corpo que nos separa dos outros e que constitui a barreira intransponível na relação com eles.

- Corpo percepção/Corpo ação

A questão da atração física e do estabelecimento de invariantes na percepção social do corpo e o problema do efeito do aspeto físico na génese e manutenção das relações interpessoais. Mas o corpo é, igualmente, instrumento de ação (o que remete para a ideia da sua função instrumental). Resultantes de processos de aprendizagem socialmente diferenciados, categorizáveis em função de critérios como a idade, o sexo, a classe social e avaliáveis pelo respetivo grau de rentabilidade, as técnicas do corpo distribuem-se por domínios de atividade diversificados, que vão das técnicas de nascimento, às técnicas de reprodução, técnicas de repouso, dança, movimento, alimentação, etc.. Ainda no âmbito desta segunda dicotomia, cabe referir a dimensão expressiva do corpo, irredutível ao aspeto estritamente instrumental ou técnico. Para além da expressão das emoções, os movimentos corporais estão implicados na própria regulação dos comportamentos verbais. Tais movimentos são, ainda, objeto de ritualizações diversas, que desempenham um papel primordial no estabelecimento de “laços” interpessoais e no controlo e inibição dos comportamentos de agressão.

- Corpo privado/Corpo público

O corpo é o objeto mais privado que possuímos, mas é, simultaneamente, aquele através do qual nos damos, de imediato, na interação social. O corpo é um objeto social, um objeto público, no sentido em que as representações que dele temos são socialmente construídas e partilhadas e porque é, por excelência um objeto de troca social. O corpo é matéria e é signo. É objeto de troca e consumo. Na expressão de Baudrillard (1970) é mesmo “o mais belo objeto de consumo”. O corpo funciona como lugar de categorização social, como superfície de inscrição de marcas distintivas. Observem-se as marcações operadas pelo vestuário ou pelas ficções do corpo desportista ou, ainda, nos mecanismos de estigmatização de um corpo deficiente ou deformado.

- Corpo Máquina/Corpo desportivo

O corpo é, por último, uma máquina de trabalho, de superação, de violência... Os novos discursos acerca do papel que o desporto ocupa na sociedade ultramoderna parecem ter o mérito de atribuir ao corpo um lugar novo que milénios de pudor lhe negaram. Não obstante a consciência sempre renovada e otimista da atividade física e/ou desportista, a leitura contemporânea do corpo aponta para um conjunto de peças desarticuladas, catalogáveis e redutíveis a uma capacidade, a uma praxis de competitividade predatória. Assim, a sociedade atual tem nos seus atletas de alta competição um modelo de herói a seguir: altas performances, vidas de luxo e uma capacidade competitiva que se abre sempre ao impossível para satisfazer as mais variadas ficções desportivas produzidas pelo discurso social, mediático, económico, cultural: o corpo do atleta de alta competição, o corpo das academias e a sua explosão de músculos, atingindo o grau máximo de ilustração com a emergência e a multiplicidade das estratégias de body-building, as cirurgias estéticas e a profusão de técnicas médicas, químicas, cosméticas para alcançar uma imagem de perfeição.

Falamos, por isso, de uma corporeidade canónica, do culto do corpo, cujo campo é o espaço mediático, incluindo o discurso da televisão, dos meios de comunicação de um modo geral e especialmente da publicidade, sobretudo, aquela voltada para o público feminino, mas também para o público desportista, ancorada na valorização da beleza, da juventude e da boa forma física. A corporeidade canónica é caracterizada como aquela que recorre à adoção voluntária de um conjunto de práticas, técnicas, métodos e hábitos que têm como firme propósito reconfigurar o corpo biológico, transformando-o no corpo máquina, em objeto de investimento e técnicas de reformulação “[...] Desde o Renascimento o corpo do homem vem sendo progressivamente desvelado. Primeiro foi a pele, em seguida outras camadas, chegando-se aos músculos e tendões. Por fim, o crânio é aberto, pondo a nu o chamado “órgão da alma”, “regulador central dessa máquina de ossos e músculos”. O desenvolvimento das artes mecânicas abre-se para o mito do homem artificial, inspirado no homem-máquina de La Mettrie. Vaucanson constrói “anatomias moventes”, reproduções mecânicas da respiração, da digestão, movimentos do corpo e até mesmo do mecanismo da circulação do sangue. Merleau-Ponty chega a evidenciar uma coincidência de interesses, no século XVII, entre o autómato, nas experiências científicas, e a perspectiva, nas artes: tanto o autómato como a perspectiva davam a ilusão da realidade. Depois de muitas experiências

na anatomia, os séculos XIX e XX são dominados pela teoria celular da biologia e pela patologia celular na medicina. Por fim, a ciência decifra o código genético e o século XXI entra de maneira irreversível nas biotecnologias. [...] Tudo caminha – principalmente o corpo – para o artifício¹³.

Ana Paula Jardim licenciou-se em Filosofia em 1997, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Concebeu e coordena o projeto de promoção da leitura Olhos de Gigante, Coração de Pássaro (em parceria com a Chefia de Divisão da Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação, da Câmara Municipal de Oeiras), apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (através do Programa de Apoio a projetos em Bibliotecas Públicas).

¹³ NOVAES, A. *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: companhia das Letras, 2003.

OS CAMINHOS DO CORPO: OS DIÁLOGOS ENTRE O TER CORPO E O SER CORPO

Camilo Cunha

Introdução

Se há matéria indiscutivelmente importante para a Educação Física, para o Desporto e para o Olimpismo é, por certo, a ideia de corpo e esta conduz-nos à problematização da importância teórica e prática do corpo e do movimento humano. Como podemos constatar, esta importância não é exclusiva desta área do conhecimento. Podemos, por exemplo, falar de uma Sociologia do corpo, Psicologia do corpo, Antropologia do corpo, História do corpo, Filosofia do corpo (fenomenologia e hermenêutica do corpo), Economia do corpo, Política do corpo, Cultura do corpo, Teologia do corpo (por exemplo: Criados para o Amor - a teologia do corpo de João Paulo II), Biologia/Medicina do corpo, Pedagogia do corpo... sem esquecer o corpo na Literatura (literatura erótica), pintura, escultura, cinema, moda, etc. É, pois, um campo largo e que permite várias e diferentes análises e, nesse sentido, a tomada de consciência desse facto é um bom indicador da complexidade do fenómeno.

A reflexão que vos trago é mais uma dessas análises e é uma reflexão enquadrada neste Ciclo de Conferências: O Corpo Máquina: Discursos Sobre o Corpo. Intitulei-a: Os caminhos do corpo: diálogos possíveis entre o Ter corpo e o Ser corpo...podendo ir mais para a frente e falar do corpo como devir...

Neste sentido, organizei a presente reflexão em dois momentos:

1º momento – Abordarei algumas representações sobre o corpo, pegando no sentido da História e nos empréstimos da Filosofia. E, neste contexto, talvez possamos fazer uma pequena taxonomia, elevando três representações:

1- Ter corpo pela negatividade;

2- Ter corpo pela positividade;

3 - Ser corpo como valor existencial... (radical).

2º momento - Equacionarei uma ideia Olímpica do corpo (que tem a ver, de alguma forma, com o espírito deste encontro).

Desenvolvimento

1.º Momento - As representações sobre o corpo

1.ª Representação: Ter corpo... pela negatividade

Tomando como referências Lucien Jerphgnon (1973), Nicola Abbagnano (2007), Didier Júlia (2010) e Camilo Cunha (S/D), podemos dizer que tudo começa (na cultura Ocidental) na Grécia Antiga.

Neste olhar, vamos constatar que o corpo é instrumento de algo (neste caso, da alma - a alma que domina o corpo). O corpo é, assim, entendido como recetáculo, túmulo, prisão. O corpo afigura-se igualmente como objeto sem

valor, criticado pela sua realidade sensível e instrumental. É o corpo condenado, frágil, efémero. É o corpo sem valor ou com pouco valor em si. Esta representação podemos encontra-la na teoria Órfica e no Mito da queda da alma no corpo, devido à sua imperfeição, bem ilustrado, por exemplo, em Fédon de Platão 427-347a.C.

Diz Platão: “Para podermos ter um conhecimento puro de alguma coisa, temos de nos livrar do corpo e contemplar as coisas por si próprias com a alma por si própria.” Fédon 66a.

Outros olhares mostram esta representação. Retomemos, por exemplo, Aristóteles (384 - 322 a. C.). No contexto do materialismo/empirismo aristotélico, vai sustentar que “o corpo é o instrumento natural da alma; assim como o machado é o instrumento de cortar, ainda que o corpo não seja semelhante ao machado, mas tem em si mesmo o princípio do movimento e do repouso”; e continua... “o corpo é matéria, é potência sem forma e sem substância”. Por seu lado, Epicuro (341 - 270) atribui ao corpo “a função de preparação da alma para ser causa da sensação, para ser matéria em movimento”; Na mesma linha, Plotino (205-270 - Roma), no envolvimento neoplatónico/mundo ideal que influenciou também a metafísica cristã da Idade Média, refere “se a alma é substância, será então uma forma separada do corpo, ou melhor, aquilo que se serve do corpo”; Por sua vez, os Estoicos, na defesa da perfeição moral e intelectual, referem que: “a alma é aquilo que domina ou, de vários modos, utiliza o organismo físico - próximo do corpo e das emoções”.

Se dermos, agora, um pequeno salto para a frente e nos situarmos no Período Medieval - tempo da consolidação do Religioso em particular do Catolicismo -, constatamos que esta visão continua a ser a dominante. Santo Agostinho (354 - 430), por exemplo, no contexto da escolástica e do elogio ao reino de Deus, vai referir-se à “forma da corporeidade”, atribuindo ao corpo orgânico uma forma própria ou substância independente. Tomás de Aquino (1225 - 1274) - metafísica, ética, cosmologia - , por seu lado, afirma que a finalidade próxima do corpo humano é a alma racional e suas ações. Na mesma assunção, João Escoto (1266 - 1308) vai elevar a razão - negando o corpo - para explicar a existência de Deus.

Independentemente destas particularidades (do religioso), podemos talvez dizer que, até à Idade Média, estamos perante uma representação dominante do ter corpo - pela negatividade, na medida em que o corpo constitui como instrumento da alma; a alma como forma ou razão de ser do corpo; sem alma não existe corpo.

2.ª Representação: Ter corpo pela Positividade

Talvez possamos dizer que esta representação – inaugurada pelo pensamento moderno – é razão, matemática, física e ciência. Ao que parece, o abandono “definitivo” do conceito da instrumentalidade do corpo (sentido negativo), vai ocorrer com Descartes (1596 - 1650) - dualismo cartesiano.

Descartes vai considerar que o corpo (res-extensa) e a razão (res-cogito) como duas substâncias diferentes. Há uma independência da alma em relação ao corpo, mas o corpo vai aparecer como fenómeno com valor e função específica. Diz Descartes “todo o calor e todos os movimentos que existem em nós pertencem só ao corpo, porquanto não dependem absolutamente do pensamento”; “O corpo de um homem vivo, difere tanto do corpo de um homem morto, quanto um relógio que está carregado e contem em si o princípio corpóreo dos movimentos para os quais foi projetado, juntamente com todos os requisitos para agir...difere do mesmo relógio da mesma máquina quando estes estão avariados, ou quando o princípio de seu movimento deixa de agir...- corpo doente.

Também Thomas Hobbes (1588 - 1679) - pai do materialismo moderno/sentido político - vai referir: - “O homem é um ser puramente físico... espírito nada mais é que um movimento em certas partes do corpo orgânico... e a instrumentalidade do corpo em relação a esse “movimento” é a alma”. Ora, o ter corpo pela positividade será a mola de impulso para uma outra grande representação que viria a seguir.

3.ª Representação - ser corpo como valor existencial

Esta representação vai constituir-se como uma tentativa de resposta a duas questões básicas que a filosofia moderna e contemporânea colocou:

- Como e porquê as duas substâncias (corpo/alma) se combinam para formar o homem?

- Como o homem, que, sob certos aspetos, é uma realidade única, pode resultar da combinação de duas realidades independentes?

Foram vários os pensadores que (direta e indiretamente) se debruçaram sobre estas questões.

Bento Espinosa (1632 - 1677), por exemplo - Racionalista, monista... apaixonado por Deus/Natureza - considera a alma e o corpo como modos de manifestação dos dois principais atributos da substância divina única (Deus) - pensamento e extensão.

- “Entendo o corpo (diz Espinosa) como um modo que, de certa forma, exprime a essência de Deus considerado como algo extenso”;

- “A mente e o corpo formam um único e mesmo indivíduo (ideia monista) que é concebido ora sob o atributo do pensamento, ora sob o atributo da extensão” - psicologia científica moderna.

Por seu lado, o racionalista Gottfried Leibniz (1646 - 1716) concebe o “corpo vivo” como um conjunto de mónadas - substâncias espirituais - , agrupadas em torno de uma “enteléquia dominante”. Deste ponto de vista, o corpo é um agrupado de substâncias (e não é ele uma substância) - só a alma é substância. Com efeito, trata-se do modelo que serviu de base ao espiritualismo.

Georg Hegel (1770 - 1831) - Mente e espírito que conduz ao processo histórico... - refere: “A alma na sua corporeidade, totalmente formada e Está como sujeito único (per si); e a corporeidade é, de tal modo, a exterioridade como predicado no qual o sujeito se reconhece somente em si mesmo”;

- “A corporeidade como exterioridade e expressividade... predicado no qual o sujeito se reconhece somente em si mesmo”; - “Essa exterioridade não representa a si mesma”. Deste ponto de vista o corpo é a manifestação exterior, ou a realização exterior da alma: exprime a alma na forma de uma exterioridade que, como tal, não é real, mas apenas simbólica - como fenómeno expressivo.

Arthur Schopenhauer (1788 - 1869) entende o mundo como vontade e representação/pessimismo e sofrimento, sendo a arte vista como alívio. Identifica, pois, o corpo como vontade.

- “Meu corpo e minha vontade são uma coisa só”;

- “O que chamo de meu corpo como representação intuitiva, chamo-a minha vontade enquanto estou consciente dela”;

- “O meu corpo é a objetividade da minha vontade”;

- “O meu corpo, não é senão vontade”;

- “Eu não posso imaginar a minha vontade sem o meu corpo”;

Friedrich Nietzsche (1844 - 1900), situado no existencialismo, equaciona a ideia de vontade de poder e de super-homem e, por isso, a possibilidade de um outro homem. Refere, por conseguinte, “sou todo o corpo e nada fora dele”.

Edmund Husserl (1859 - 1938) - no contexto da fenomenologia – preconiza o regresso às coisas mesmas, à origem e vai dizer: “O corpo é a experiência que se torna isolada ou individualizada após sucessivos atos de redução fenomenológica”.

“Na esfera daquilo que me pertence (as coisas mesmas, as coisas próprias, as coisas em si) e da qual se eliminou tudo que remete a uma subjetividade estranha” - crenças, representações... O corpo, ele mesmo.

“O corpo permite o devir pelo ser-no-mundo pelas experiências e debates com o mundo”.

O corpo reduz-se “ao que me pertence” e eu encontro meu próprio corpo, que se distingue de todos os outros por uma particularidade única: é o único corpo, que não é apenas um corpo, mas é o meu corpo... e continua, a vivência do corpo é importante para o conhecimento do eu (personalismo) e dos outros eus (de alguma forma os heterónimos que em nós habitam); Mas também dos outros eus que fazem outros – alteridade. Resuma a ideia de que é o outro que me faz. Ele faz com que me sinta menos estranho - comigo mesmo.

Estamos perante uma dialética das relações inter-humanas que mais do que uma intenção racional traz consigo uma intencionalidade fenomenológica mais profunda - tal como o brincar/lúdico, amor e a fé. O que se chama de natureza pura e simples já não possui o caráter de ser objetivo e, por isso, não deve ser confundido com um estranho abstraído do próprio mundo ou do seu significado imanente.

“Corpo no interior do estrato abstraído, recortado por mim no mundo, com o qual coordeno, de acordo com a experiência e de modos diversos, campos de sensação; é o único corpo do qual disponho de modo imediato, assim como disponho de seus órgãos”.

O corpo pode, ainda, ser sinónimo de comportamentos diversos do organismo vivo, uma imagem física determinada e multiforme, fenómeno de expressão, ou como um conjunto de atitudes, função de organização. Se o espírito é o Ser do organismo, mais precisamente o ser-no-mundo (conjunto de atitudes vivenciadas), a alma é o Ser Ter pela capacidade cognitiva; o Corpo é o devir, que não temos e não somos, mas que acontece em nós - imanência e transcendência. Esse devir é essencialmente um “debate com o mundo”, através do qual o homem acumula experiências e forma capacidades. É, portanto, o corpo como comportamento, elemento ou condição do comportamento humano.

Henri Bergson (1859 - 1941) - Conhecimento, intuição -, por seu lado, vai trazer a ideia de ação: - “O nosso corpo é um instrumento de ação e somente de ação. Ele não contribui diretamente para a representação e em geral para a vida da consciência: serve apenas para

selecionar imagens com vista à ação, para possibilitar a percepção que consiste nessa seleção”; - “Mas a consciência que é memória, não depende do corpo”. Há, assim, uma redução do corpo à percepção, assim como da consciência à memória; ou seja, a negação de qualquer realidade própria do corpo.

Jean Paul Sartre (1905-1980) - existencialismo, liberdade radical, responsabilidade – estipulando a ideia de Ser para si, preconiza que o corpo é a experiência daquilo que é “ultrapassado” e “passado”... mas também um ponto de partida que Sou e que, ao mesmo tempo, ultrapasso em direção àquilo que tenho de Ser.

Em cada projeto para si (projeto da consciência), em cada percepção, o corpo está presente: ele é o passado imediato a aflorar ainda no presente que lhe foge.

Significa que, ele é, ao mesmo tempo, ponto de vista e ponto de partida - um ponto de vista e um ponto de partida que Sou e que, ao mesmo tempo, ultrapasso em direção aquilo que tenho de Ser.

Para finalizar este “saltitar” pela história, destaco Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961) e a sua Fenomenologia da Percepção. Merleau-Ponty (1994), pela perspetiva fenomenológica, faz um convite ao corpo como elemento central da existência humana.

O corpo não é um objeto, uma coisa. “Quer se trate do corpo alheio, quer se trate do meu, não tenho outro modo de conhecer o corpo humano, a não ser vivenciando-o, ou seja, assumindo por conta própria o ... que me invade e confundindo-me com ele.” A vida acontece, porque o homem é um ser corporal no mundo (um sujeito de relação). Neste contexto, eleva a experiência perceptiva como experiência originária que é sentida primeiramente pelo corpo. É através do corpo que tenho consciência do mundo e por ele faço a minha ação (locus de ação). Temos aqui a ideia de experiência - que é sentida e vivida pelo corpo. É com o meu corpo que me justifico como ser humano e é por meio do corpo que me projeto na aventura da minha existência - abrir ao mundo, situar no mundo, transformar o mundo - pelo sentido, intencionalidade e significado. O homem (dizemos nós), antes de habitar a cidade, o apartamento, habita o seu próprio corpo.

Mas essa vivência do próprio corpo não tem nenhuma relação com o “pensamento do corpo”, ou com a “ideia de corpo”, que formamos por reflexão, através da distinção sujeito e objeto. Essa vivência revela um modo de existência “ambíguo”. Se pensarmos em corpo como um

feixe de processos em terceira pessoa (por exemplo, visão, mobilidade, sexualidade), percebemos que essas funções não estão ligadas entre si e com o mundo externo por uma relação de causalidade, mas que se fundem e confundem num único.

O corpo aparece, assim, como um organismo vivo e vivente. Ser/estar-no-mundo pelo sentido, intencionalidade, significado. O corpo emerge como sujeito de experiência perceptiva que se situa, organiza e atua no mundo (relação, viver, transformação). O corpo/corporeidade distingue-se como vinculação com o mundo, vinculação com os outros (corpos). E podemos referir-nos a corpos de passagem, dinâmicos, construídos. Corpos que vão mudando, tempo, espaço, com os outros, mundo.

Para finalizar, não queremos deixar de fazer referência ao corpo nos nossos dias - neste tempo mesmo. Dando um sentido mais sociológico e seguindo aquilo que nos legou Michel Foucault (1977, 1986), o corpo hoje é também uma expressão do mercado e da indústria cultural - ou, se quisermos, uma forma pós-moderna de ter corpo - uma nova instrumentalidade do corpo - o corpo máquina.

Parece que vivemos o culto do corpo com características económicas, de mercado e, até, religiosas (a religião como metáfora). Neste contexto, podemos destacar as reflexões de Wanderley Codo & Wilson Senne (1985), que, ao utilizar, o neologismo corpolatria (termo que não aprecio muito) ilustram - e penso que bem - a realidade. Partem da máxima Socrática “conhece-te a ti mesmo” para o: “constrói-te a ti mesmo”; “faz o teu corpo”; “idolatra teu corpo”.

Isso é possível. O milagre é possível. E é possível de duas formas: a) De uma forma natural, pois existem textos científicos (oráculos), produtos estéticos e cosméticos, produtos alimentares e farmacêuticos que dizem como fazer: como fazer os exercícios, a alimentação e as dietas mais adequadas. b) Mas também é possível “viver” o corpo pelo sacrifício (a penitência com dor).

Temos os nossos templos (ginásios, academias, pavilhões...) onde se pode suar, sentir dor, fazer sacrifício.

Estes cenários, na essência, vão aparecer como um processo de produção e consumo que, no extremo, leva à alienação (típico da sociedade capitalista... religiosidade radical). Estamos perante um corpo consumidor, um corpo objeto de venda e compra (o corpo mercadoria).

O corpo separou-se do seu dono e parece ter ganho uma existência autónoma. É o corpo como primeiro sujeito, o

primeiro modo de ser de cada um - levando a um homem narcísico, solitário, frágil e presa fácil da indústria do mercado e da técnica (Adorno/Horkheimer também nos ajudam a compreender este facto). O corpo num exercício ilusório aparece como manifestação de autonomia e liberdade, quando, na essência, acaba por se constituir como um exercício de escravidão, alienação. (A teoria crítica da escola de Frankfurt - Theodor Adorno (1995) - também nos ajuda a compreender este facto).

No entanto, será igualmente relevante referir os novos desportos (terra, ar, água) – nomeadamente, no sentido da natureza ou no sentido ecológico - que trazem novos sentidos ao corpo e ao movimento humano.

Uma síntese possível para este 1º momento: Podemos talvez situar a ideia de ter corpo e ser corpo em dois sentidos estruturantes:

O ter corpo como dimensão instrumental, material, biológica, física, o que, na linha de Aristóteles (Zoe), se identifica com a dimensão biológica, animal do corpo. Trata-se, em última instância, de qualidade de vida. Por outro lado, assinala-se o ser corpo como algo que existe, sublinhando-se uma existência única, particular, dizível e indizível, o que, na linha de Aristóteles (bios), tem na cultura e no livre arbítrio o seu sentido. Trata-se, em última instância, de Dignidade de vida.

Ou se quisermos, de um corpo entre uma representação (idealista, doutrinária, religiosa) - objeto, instrumento... - para um corpo como um comportamento, um modo de ser vivenciado, experienciado onde os caminhos de intencionalidade, sentido, significados objetivos, subjetivos, intersubjetivos estão presentes. Este facto está, de alguma forma, de acordo com os dizeres da ciência moderna (neurociências).

Por exemplo, Kurt Goldstein (fisiologista) vai distinguir corpo, alma e espírito como processos distintos mas conexos, que adquirem significado e relevo apenas na conexão...

Na mesma linha, talvez possamos integrar António Damásio e todo o seu sentido evolutivo... O Erro de Descartes, Ao encontro de Espinosa, Da Consciência. O ter corpo e o ser corpo tem a sua história que, por certo, continuará... entre o homem-máquina e o homem-existência, sendo o desporto o seu campo privilegiado.

2.º Momento - Uma ideia Olímpica do Corpo

Vamos, aqui, partir de duas proposições (que nos parecem

verdadeiras):

1.ª proposição: É pelo corpo e pelos seus movimentos (desporto) que o ideário Olímpico e o Movimento Olímpico se concretizam.

2.ª proposição: É pelo corpo, pelo desporto e pelo olimpismo que um campo de possibilidades se abrem. Gostaria de destacar algumas dessas possibilidades.

Existem, de facto, muitas possibilidades no corpo Olímpico, a saber:

- Possibilidades de diálogo sobre as questões da cultura, do meio ambiente, dos valores, do desenvolvimento humano e da paz. Como refere Hans Jonas, ao referir-se à ética da responsabilidade, “Temos sacrificado o futuro pelo presente, é preciso agora sacrificar o presente pelo futuro”.

- Possibilidades de um sempre eterno retorno. Um eterno retorno à Grécia Antiga (Helenismo) como uma reserva moral, simbólica, cultural educativa e axiológica para a pós-modernidade (Jogos Olímpicos Modernos e Pós-Modernos).

- Possibilidades da utopia, do encontro com o herói, de esperança, da (im)perfeição humana.

- Possibilidades de exaltação do corpo humano, do alto rendimento, do limite - citius, altius, fortius.

- Possibilidades do homo-ludens que tem na síntese do brincar, jogar e competir a sua maior expressão.

Para finalizar, vamos retornar ao sentido inicial desta reflexão, opondo-nos um pouco a ideia de um dos autores focados, nomeadamente Merleau-Ponty(1994) quando diz que “o homem é seu corpo”. Diríamos nós que o homem é a sua vida - que tem, na matéria, no corpo, na alma, no espírito e na ética (este bálsamo da ida) o dentro - este dentro, que também não esquece o fora - a cultura, os nossos desejos, vontades e ações. O homem é a sua vida - vida!!

Para percebermos isto, nada melhor que retornar ao tempo originário - a infância: Quando a mãe diz para seu filho que o corpo da avô (que falecera) ia para a terra e a alma ia para o céu e que, um dia, quando ele morresse, o seu corpo iria para a terra e sua alma para o céu. A criança, numa dúvida radical (imensamente autêntica, de uma ingenuidade dramática), diz: sim, meu corpo vai para a terra, minha alma vai para o céu... e eu para onde vou? O mesmo é dizer para onde vai a minha vida!?...

O homem é a sua vida!

Cuidem do vosso corpo, mas também da vossa alma e do vosso espírito... Cuidem da vossa vida... vão para a

frente, vão para diante... e, por certo, a atividade física e o desporto serão bons caminhos.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola (2007). Dicionário de Filosofia - Edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes.

ADORNO, Theodor (1995). Educação e emancipação. Petrópolis: Editora Vozes.

ARISTÓTELES. Política. Lisboa: Veja (Edição de 1998).

ANTUNES, Manuel S.J. (2006). Repensar a Europa e a globalização. Lisboa: Multinova.

BENTO, Jorge & BENTO Helena (2010). Desporto e educação física. Acerca do ideal pedagógico. In: Bento; Jorge, Prista; António & Tani (org.). Desporto e educação física em português. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

CAMILO CUNHA, António (S/D). Desporto: do animal ao orfeu. (No prelo).

CAMILO CUNHA, António (2014). Multiculturalismo e educação. Da diversidade: crítica/crítica. Santo Tirso. Whitebooks.

De CHARDIN, Teilhard (2012). O fenómeno humano. (9ªEd.). São Paulo: Editora Cultrix.

FREIRE, Paulo (1983). Educação como prática da liberdade (14ªed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo (1986). Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FOUCAULT, Michel (1986). Microfísica do poder. Rio de Janeiro. Edições Grall.

FOUCAULT, Michel (1977). Vigiar e punir. Petrópolis: Editora Vozes.

GARCIA, Rui & CAMILO CUNHA, António (2015). Jogos Olímpicos sob o signo da utopia. Lisboa: Publicação do Comité Olímpico de Portugal (no prelo).

GARCIA, Rui (2012). Exórdido em prol do desporto: Uma fundamentação antropológica. In: Soares, António & Bento, Jorge (org.). Desporto e educação física. Traço

de união entre a Universidade Federal do Amazonas e a Universidade do Porto. Manaus: Editora da universidade Federal do Amazonas. pp. 39-69.

GARCIA, Rui (2015). No labirinto do desporto - Horizontes culturais contemporâneos. Casa da Educação Física. Universidade do Estado do Amazonas - Brasil. GONZÁLEZ, Fernando & FENSTERSEIFER, Paulo (2010). Dicionário (crítico) de Educação Física. Unijui: Editora Ijuí - Brasil.

JERPHAGNON, Lucien (1973). Dicionário das Grandes Filosofias. Lisboa: Edições 70.

JÚLIA, Didier (1992). Filosofia. Dicionário Temático. Larousse. Círculo de Leitores. KROEBER, Alfred (1993). A natureza da cultura: Lisboa: Edições 70.

LESKY, Albin (1995). História da literatura grega (Trd. Manuel Losa). Lisboa: Fundação Calouste de Gulbenkian. MAUTNER, Thomas (2010). Dicionário de Filosofia. Coimbra. Edições 70.

MERLEAU - PONTY, Maurice (1994). A fenomenologia da percepção. São Paulo. Martins Fontes.

NIETZSCHE, Friedrich (1992). Além do Bem e do Mal. São Paulo: Companhia das Letras.

NIETZSCHE, Friedrich (2003). A competição em Nietzsche. Lisboa: Vega-Passagens.

PLATÃO. Fédon. Lisboa: Veja(Edição de 1970).

PATRÍCIO, Manuel (1996). A escola cultural: Horizonte decisivo da reforma educativa. Lisboa: Texto Editora (3ª Edição).

SÉRGIO, Manuel (1986). Para uma epistemologia da motricidade humana. Lisboa: Compedium.

SANTIN, Silvino (1987). Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí: Ed.Unijui.

TOYNBEE, Arnold(1962). História da uma civilização. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3ª Edição.

VAZ, Alexandre (2010). Competição. In: González, Fernando & Fensterseifer, Paulo (org.). Dicionário (crítico) de Educação Física. Ijuí: Editora Unijui - Brasil. pp.84-86.

VAZ, Henrique (1991a). Antropologia Filosófica I. São Paulo. Loyola

VAZ, Henrique (1991b). Antropologia Filosófica II. São Paulo. Loyola

WANDERLEY Codo & WILSON Senne (1985). O que é o corpo (latria)?. São Paulo: Brasiliense.

Camilo Cunha é professor do Instituto de Educação da Universidade do Minho e reconhecido investigador nos estudos da educação física e formação de professores em Portugal.

O ENVELHECIMENTO DO HERÓI, QUE LUGAR NO MUNDO

Jorge Crespo

O Homem-máquina é a obra mais divulgada de La Mettrie que, assim, apoiando-se no conhecimento aprofundado da experiência médica, criticava as diferenças entre o corpo e a alma, contra as doutrinas teológica e metafísica. Nesta linha, dava importância à denominada "felicidade física", a um hedonismo que rejeitava os preceitos diversos da matéria. De facto, a felicidade e o bem-estar através do corpo eram, para La Mettrie, um objetivo fundamental. Em qualquer caso, o filósofo não se situava numa posição irreduzível face às atividades espirituais mas, pelo contrário, defendia as bases físicas do sentimento de felicidade que os homens experimentavam contra a dor e o sofrimento. Estas causas materiais não eram, no entanto, suficientes para se atingir a felicidade porque, para o efeito, havia que considerar, também, as causas internas que estavam ligadas à consciência e à faculdade de reflexão sobre as atitudes e comportamentos em movimento. Na verdade, isto significava que nada se reduzia a qualquer predominância de agentes materiais externos mas, antes, que também se dava relevo ao espírito, isto é, contemplava-se sempre a dialética experiência sensível/razão, sem os preconceitos que pudessem conduzir aos reducionismos perigosos que faltavam às verdades das situações.

O Homem-máquina foi publicado em 1748 e, desde logo, na segunda metade do século XVIII, teve onze edições, o que revela, na época, a importância do debate em jogo e o carácter obsessivo de uma prática teórica que não esquecia o debate com os iluministas e os enciclopedistas. Era notório, pois, o confronto entre inteligibilidades diversas que constituía, aliás, um dos elementos a considerar na génese das representações modernas do homem, dos discursos sobre o corpo e, numa perspectiva mais global, as vicissitudes da passagem de uma ciência contemplativa a uma ciência ativa ou, de outra maneira, de um mundo fechado para um universo infinito. O "Envelhecimento do herói, que lugar no mundo" adquire, neste contexto de longa duração, uma dimensão mais clara da própria história do desporto, um quadro do qual a representação social dos velhos tem repercussões mais inquietantes, em especial para antigos praticantes de desporto que se defrontam, à medida que os anos passam, com as evidências, suscitadas por novos valores difíceis de se integrar e controlar. Na verdade, no início do século XXI, cada vez mais se verificam grandes mutações de costumes animados por valores que são, desde logo, a beleza, o prazer e a juventude, no quadro de uma estética de si própria, sem paralelo no passado, uma ditadura que inquieta e humilha os que se não submetem à sua influência, por diversas razões. A beleza implica a saúde, e "estar em forma" é uma expressão que tantos sentimentos de culpa provocam, num tempo dominado pela cultura "light" em que a vida não diz respeito às totalidades mas, antes, a uma anarquia de factos e instantes que ameaçam a grande unidade da existência. Neste mundo, os mais velhos e, sobretudo, aqueles que foram vigorosos tornam-se, cada vez

mais, uma afronta, são a subversão do que é lícito e aprovado pela sociedade, porque se vive na ilusão da juventude externa. A maior contradição é que, afinal, o desporto é a imagem que se recomenda num corpo de "performance", o "record" em todas as frentes, incluindo a vida quotidiana e vulgar, contra a "coragem moral" dos imortais que estão para além da morte.

A velhice não é um dado absoluto mas, antes, uma construção social que se revela no quadro do conflito entre o novo e o velho, o moderno e o antigo, para retomar uma antiga querela que se repete, agora, na linha de outros valores. As gerações atuais estão dominadas pela ideia do progresso, do rendimento e da produtividade em que o trabalho e os negócios têm um papel fulcral na exclusão. Enfim, a pergunta que se deve fazer, neste momento, é a que se relaciona com o estatuto que a nossa sociedade confere ao envelhecimento, uma sociedade que vive ao abrigo da euforia da mobilidade, da velocidade e, ao mesmo tempo, sugere práticas de crescimento. Sem dúvida, a pessoa idosa não pode deixar de enfrentar, na fase atual, uma imagem de desvalorização, as consequências de uma rejeição, isto é, de uma perda de recursos que sancionam a falta de produtividade e de relações com o mercado económico, a própria privatização da morte, a progressiva falta de quadros sociais de referência, não obstante as ilusões que aprofundam a humilhação. Um poder social que diminui tal como acontece, aliás, com outros grupos marginalizados pelas transformações da sociedade, cujos corpos "usados" são relegados para a obscuridade, escondidos.

Os velhos desportistas, perante o choque provocado pela tomada de consciência das irremediáveis transformações do corpo, são levados, a cada passo, a fazer o balanço da sua vida, à luz das experiências do presente, para descobrir o sentido e, ao mesmo tempo, integrar a morte na vida quotidiana. Sem esquecer, no entanto, que a luta para preservar a identidade individual passa pela relação que se deve estabelecer com o próprio corpo, tornando-o objeto de desejo e fugir de nostalgias que, muitas vezes, são suscitadas pelos outros e que comprometem o desenvolvimento da intimidade e, em especial, as relações de cada um com o seu próprio corpo. Tudo se inicia na aparência exterior. Recusar o envelhecimento é cultivar o corpo, nunca esquecendo que a elegância nada tem a ver com a juventude mas com alguma coisa que brota de interioridade e dá sentido à forma exterior, é uma necessidade da existência, a recusa da própria ideia de envelhecer. A aparência exterior identifica-se com a recusa de envelhecer, uma preocupação estética que se traduz no culto do corpo. Trata-se de envelhecer bem, de gostar de si próprio, enfim, de se revoltar contra a desvalorização social, o sentimento de inutilidade, contra a resignação, a revolta. Os velhos tornaram-se, cada vez mais, uma afronta porque são a subversão viva, em forma humana, um facto que é diretamente observável.

No passado, em certas sociedades, por exemplo, da Austrália, estudadas por antropólogos, verificava-se que a chamada magia do rejuvenescimento que as velhas mulheres utilizavam para, assim, reencontrar a juventude era considerada um ato diabólico, dado que quebrava os limites das idades e mantinha os seres humanos na ignorância do que era ser velho e ser jovem. A este propósito, deve afirmar-se que a juventude e a velhice, para além das questões biológicas, não são dados mas, pelo contrário, construções sociais elaboradas no contexto dos conflitos entre novos e antigos, questão polémica que sobretudo as famílias não desvendam facilmente, mas que surge nas épocas de crise de civilizações. Na verdade, se observarmos os jovens que nos rodeiam, podemos assinalar que eles, muitas vezes mostram, por manifestos interesses, atributos de adultos, dos velhos, dos notáveis que têm poder. Assim acontece por motivos de origem social ou por qualquer disposição mental que os oriente para a conquista de soberania, o que prova a manipulação social em causa, em geral, levada a efeito pelos mais velhos.

Na história da humanidade, isso sucedia com frequência perante as questões entre herdeiros e detentores de património, conflitos mais do ter do que do ser. A este propósito, o historiador Georges Duby mostrou como na Idade Média os jovens eram limitados nas suas aspirações, através de manobras levadas a efeito por quem detinha o poder. Neste quadro, tentava-se, afinal, suscitar uma atitude de irresponsabilidade dos jovens nobres que pudessem apresentar-se à sucessão. Os mais velhos orientavam os mais novos para atitudes e comportamentos de virilidade, de violência e de virtude, uma ideologia que tinha o objetivo de resguardar para si a sabedoria, a experiência, isto é, o poder. Para o efeito, em alguns ditados e provérbios antigos, é possível anotar, para cada idade, o domínio de uma disposição específica, por exemplo, da adolescência e juventude, o amor; na idade adulta, a serenidade e a maturidade. A lógica é, pois, a da divisão, a da distribuição de poder entre os grupos de idades em causa, a divisão de valores e das correspondentes humilhações.

Finalmente, a nível do corpo, das atividades físicas e do quotidiano, é urgente suprimir bloqueios psicológicos que impedem a valorização plena de atitudes e comportamentos e negar práticas e ideias suportadas historicamente pelo progresso e o rendimento, realidades que se justificam sob o ponto de visto económico, mas que não têm sentido num contexto de humanização. Os gestos devem estar centrados no domínio e controlo do corpo, na preservação da identidade e no respeito pela memória, questão essencial na unidade da pessoa humana.

Jorge Crespo é professor catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e reconhecido especialista nos estudos do corpo e do jogo em Portugal.

Licenciou-se em 1978 em Ciências Humanas e Sociais – Ramo de Economia. Sociedades. Civilizações (dominante História), completada com a frequência do Seminário "Histoire des Savoirs et des Comportements Biologiques", sob a orientação de Jean Paul Aron, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris.

Entre 1994 e 2006, foi coordenador científico do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Faculdade e, neste quadro, diretor da Revista "Arquivos da Memória". Também foi Presidente da Direção da Associação Portuguesa de Antropologia, de 1991 a 1993.

De 1974 a 1975, exerceu funções de direção no Instituto Superior de Educação Física - Universidade Técnica de Lisboa, onde teve responsabilidades docentes em várias disciplinas que estabeleciam a ligação entre as Ciências do Desporto e as Ciências Sociais e, no âmbito do qual, em 1985, realizou as provas de doutoramento na área de Sociologia das Atividades Físicas.

ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO MOVIMENTO E PENSAMENTO – SOBRE A TEORIA DO PASSO DE BALZAC*

Gonçalo M. Tavares

Publicado em 2011, em Portugal

Como o movimento pensa, eis o que nos importa. Em “Patologia da vida Social” Balzac avança com a sua teoria do passo. No Passo encontra a expressão de todas as qualidades e funções humanas. Para Balzac, a partir de certa altura, “o MOVIMENTO compreendeu o Pensamento, a acção mais pura do ser humano; o Verbo, tradução dos seus pensamentos; depois o Passo e o Gesto, realização mais ou menos apaixonada do Verbo.¹⁴”

Para Balzac “as maravilhas do tacto, às quais devemos Paganini, Rafael, Miguel Ângelo” etc., estas maravilhas de um certo movimento especializado não seriam mais do que uma imaginação individual expressa por via de movimentos. A grande imaginação e o grande pensamento de um Rafael ou de um Paganini terminam, de modo simples, na ponta dos dedos - terminam nas articulações nervosas, nos ossinhos da mão. Diremos nós que as grandes abstrações mentais são expressas, no último momento, por um conjunto mínimo de contracções musculares. Há toda uma turbulência interna que se afunila por completo na mão do pintor - na facilmente localizável mão do pintor. Como se, de facto, existisse uma enorme quantidade de energia – chamemos-lhe energia criativa – que precisa gradualmente de ocupar menos espaço, de se tornar menos expansiva, de diminuir de tamanho - para se expressar.

Questiona ainda Balzac: “não é a palavra o passo do coração e do cérebro?” ¹⁵ E conclui, na apresentação da sua Teoria do Passo: “Então, tomando o Passo como expressão dos movimentos corpóreos e a voz como a dos movimentos intelectuais, pareceu-me impossível fazer mentir o movimento.” Movimento sincero, pernas e voz verdadeiros – “o aprofundado conhecimento do Passo” torna-se então uma “ciência completa.” Daí o projecto de Balzac.

Projecto de Balzac

Perceber e estudar o Passo era para Balzac perceber e estudar o Homem, e por essa razão ele entendia que a ciência menosprezava a investigação do passo quando comparada com a investigação do pensamento. Digamos que, para Balzac, estas duas perguntas deveriam estar ao mesmo nível: como pensamos e como nos movimentamos? Conhecer um e outro funcionamento era indispensável¹⁶ . Por essa razão, Balzac estabeleceu um programa: “Resolvi verificar simplesmente os efeitos produzidos fora

do homem pelos seus movimentos, de qualquer natureza que fossem, anotá-los, classificá-los; depois, acabada a análise, procurar as leis do belo ideal relativamente ao movimento, e redigir um código para as pessoas curiosas darem uma boa ideia de si mesmas, dos seus costumes, dos seus hábitos: sendo o passo, na minha opinião, o pródromo exacto do pensamento e da vida.”¹⁷

Conclui depois Balzac: “Fui, pois, sentar-me, no dia seguinte, num banco da avenida de Gand, a fim de estudar aí os passos de todos os parisienses que, para sua desgraça, passariam diante de mim durante o dia.”

Anotações sobre o Passo

Surgem, a seguir, inúmeras observações sobre o movimento e sobre o passo que tornam esta obra de Balzac um tratado indispensável para quem se interessa pela ligação entre pensamento e movimento exterior.

Olhemos para alguns exemplos: No pequeno fragmento intitulado “O passo é a fisionomia do corpo”, Balzac escreve: “Não é assustador pensar que um observador profundo pode descobrir um vício, um remorso, uma doença, ao ver um homem em movimento?”¹⁸ E prossegue: “A inclinação mais ou menos viva de um dos nossos membros; a forma telegráfica de que ele contraiu o hábito contra a nossa vontade; o ângulo ou o contorno que fazemos descrever, são marcados com o nosso querer e são de uma assustadora significação. (...) é o pensamento em acção.”

O *movimento como pensamento que age*, que se explicita, que ocupa espaço, que altera o espaço; o movimento como pensamento tornado visível: *move-te para que eu te possa ver a pensar*, assim poderíamos dizer. Duas formas, pois, de vermos o que não foi feito para ser visto - os pensamentos: pela palavra e pelo movimento. *Se não queres falar e se não queres escrever pelo menos levanta-te, move-te. Faz determinados movimentos com o corpo para que eu possa perceber os teus pensamentos.*

Continua Balzac, aconselhando: “O olhar, a voz, a respiração, o passo, são idênticos; mas como não foi dado ao homem poder exercer vigilância, ao

mesmo tempo, sobre estas quatro expressões diversas e simultâneas do pensamento, procurem a que fala verdade: conhecerão o homem todo inteiro.”¹⁹

Balzac não permanece, no entanto, nestas considerações genéricas. Pelo contrário, nesta sua Teoria do passo transforma a anatomia numa geografia de enorme extensão em que cada ponto ganha importância, não física, mas intelectual, espiritual: “Cada um de nós tem algum ponto do corpo onde triunfa a alma, uma cartilagem de orelha que fica vermelha, um nervo que estremece, uma maneira demasiado significativa de estender as pálpebras, uma ruga que se cava intempestivamente, uma pressão de lábios muito expressiva, uma eloquente tremura na voz, uma respiração que se constringe.”²⁰

Todos os gestos, tiques, mínimos movimentos, ganham relevância.

Duas anatomias

Balzac chama ainda a atenção para duas anatomias: “uma anatomia comparada moral” e “uma anatomia comparada física”; fazendo-nos lembrar um pouco a anatomia emocional de Artaud.

A superfície torna-se a expressão dos valores, a expressão da profundidade. E, neste sentido, poderemos dizer que o movimento revela, enquanto a imobilidade esconde. Um pouco como se estivéssemos face a um discurso: o corpo que se movimenta muito é o falador, o corpo que se movimenta pouco é um corpo silencioso.

Nesta linha, Balzac avança com este fortíssimo axioma: “O repouso é o silêncio do corpo.”²¹

O corpo imóvel tem uma carga de mistério que o corpo em movimento não consegue ter. Na imobilidade há a possibilidade de todos os movimentos, há como que uma concentração de pensamento, mas pensamento escondido,

pensamento não revelado. Quase que poderíamos dizer: porque não te mexes, porque me escondes algo?²²

Imobilidade e moralidade

A imobilidade é a manifestação pública de um segredo corporal, é um não querer falar, é um não querer tomar partido. De certa maneira, a imobilidade é uma posição não política, que não intervém na cidade; que não avança, precisamente, nem para um lado nem para outro²³.

Pelo contrário, qualquer movimento, por mais minúsculo e por pouco importante que seja, é um acto político, um acto na cidade: a recusa de manter um segredo. O movimento, defendemos esta tese, é sempre movimento político e a imobilidade indiferença ou neutralidade políticas. Claro está, que diferentes condicionantes podem modificar este entendimento²⁴.

Outras considerações da Teoria do passo
Não há apenas o elogio do movimento, Balzac faz também a crítica ao excesso de movimentos: “um homem que faz muitos movimentos é como um grande falador; a gente evita-o.”²⁵ - também critica o excessivo repouso:

“Observações sagazes estabelecem igualmente que a inactividade traz lesões ao organismo moral. (...) Qualquer órgão perece quer pelo abuso, quer pela falta de uso.”²⁶

E neste ponto do livro, que designa como “Patologia da vida social”, Balzac chega a uma das questões mais relevantes, esta: qual a quantidade de movimento aconselhável? “Não se poderiam investigar com ardor as leis exactas que regem, não só o nosso aparelho intelectual, mas também o nosso aparelho motor, a fim de conhecer o ponto exacto em que o movimento é benfazejo e aquele em que é fatal?”

^[1] Idem, p. 426.

^[2] Na mesma linha surge esta anotação no diário de Tsvietaieva, na qual se defende, na amizade, uma “harmonia da respiração”: “para que as pessoas se compreendam umas às outras, é necessário que caminhem ou se deitem uma ao lado da outra.” (Tsvietaieva, Marina – Índices Terrestres, 1994, p. 7, Relógio d’Água.)

^[3] Balzac – Patologia da Vida Social, 1981, p. 427, Civilização Editora.

^[4] Idem, p. 428.

^[5] “(...) há que pagar/ Para ouvir o meu coração” (Plath, Sylvia –Ariel, 1996, p.27, Relógio d’Água.)

^[6] Uma certa imobilidade aproxima-se da inércia, da imobilidade que já desistiu. Um dos textos mais paradigmáticos deste estado de espírito é a “Náusea” de Sartre: “Tenho na mão direita o cachimbo e na esquerda a bolsa do tabaco. Era preciso encher o cachimbo. Mas falta-me a coragem.” (Sartre, Jean Paul – A Náusea, s/data, p. 44, Europa-América.) Outro dos grandes cultores desta imobilidade que desistiu é Thomas Bernhard: “Destapámo-nos de noite/ e quase morremos de frio/ e não temos pachorra/para puxar o cobertor para cima”. Neste caso, a inércia está sempre ligada a uma necessidade de solidão: “queremos ficar sossegados/e batem-nos à porta” (Bernhard, Thomas – A Força do Hábito seguido de Simplesmente Complicado, 1991, p. 159, p. 176, Cotovia.)

^[7] Uma das vantagens da solidão é, aliás, não existir necessidade de fazer movimentos para ocultar as fraquezas; como se os movimentos existissem, por vezes, apenas para nos disfarçarmos quando na presença dos Outros: “Deixa de se esconder a roupa interior, deixa de se esconder o sofrimento, a sensibilidade aos cheiros fica embotada, deixa de haver razão para ocultar o padecimento que se tem de enfrentar sozinho.” (Bernhard, Thomas – Perturbação, 1990, p. 34, Relógio d’Água.)

^[8] Nietzsche, pensador que anda, escreve em “Ecce homo”: “Estar o menos possível sentado; não confiar em ideia alguma que não tenha surgido ao ar livre enquanto caminhamos, em nenhuma ideia na qual os músculos não tenham festiva parte. Os preconceitos nascem dos intestinos. A sedentariiedade – já uma vez o disse – é o autêntico pecado contra o Espírito Santo.” (Nietzsche – Ecce homo, 1984, p. 49, Guimarães Editores.)

^[9] Balzac – Patologia da Vida Social, 1981, p. 439, Civilização Editora.

^[10] Idem, p. 441-2.

Questão simples, mas antiga. **Qual a quantidade de movimento que traz saúde? Saúde física, moral, intelectual, espiritual? Qual a quantidade? Eis a pergunta fundamental.**

Músculo individual e músculo social

Diremos, numa breve nota, que a questão é que há movimentos individuais que são, afinal, sociais - pois são adaptados, copiados de um certo entendimento do que deve ser o homem e o seu corpo na relação com os outros homens e com os outros corpos. Estes movimentos corporais de multidão²⁷ são movimentos de um corpo individual, mas que vemos repetidos em milhares de outros corpos, corpos estes que, se reduzidos apenas a estes movimentos colectivos, perderão a característica, precisamente, de serem corpos individuais.

Eis, portanto, um discurso possível: Ele tem um corpo individual, mas todos os seus movimentos são colectivos, todos os seus movimentos pertencem à cidade: foi ela que os impôs e não o Homem. Podemos, portanto, falar de uma anatomia individual, mas também de uma anatomia de cidade: ele tem a anatomia da sua cidade, ele tem a fisiologia da sua cidade. Isto é: ele tem os movimentos e os hábitos (e os hábitos impõem certos movimentos) da sua cidade. No limite, sem antes nos localizarmos geograficamente, observando apenas atentamente os movimentos de um indivíduo, poderemos dizer a que cidade pertence ele, e a que civilização. Podemos localizar geográfica e civilizacionalmente os movimentos, e tal parece-me de uma importância extrema. É como se os movimentos tivessem pátria; é como se os movimentos, certos movimentos pelo menos, pudessem ter uma Língua específica, uma Língua típica de um certo povo²⁸. Como se pudéssemos dizer (e realmente podemos): Este movimento pertence àquele povo. Não será difícil, aliás, fazer uma listagem de movimentos (consequência de hábitos, de climas, de condições económicas, etc.) característicos de certas populações²⁹.

Em suma, uma ideia central: os movimentos do corpo humano pertencem ao esqueleto que os sustém, à vontade individual e às decisões tomadas por uma única cabeça a cada momento, mas (são condicionados por) pertencem ainda à História, à Geografia, à Economia e às Leis de um país.

Teremos, assim, pensamos, que definir novos conceitos: há movimentos que recebemos e movimentos que emitimos; movimentos que recebemos da cidade, da família, da cultura onde vivemos, e movimentos que emitimos - movimentos que criamos, movimentos que inauguramos com a nossa existência: sem nós este movimento não existiria. Somos criadores de movimentos e replicadores de movimentos. Seremos, portanto, tanto mais seres individuais quanto menos replicarmos movimentos. Com novos conceitos o discurso muda. Há expressões que se podem tornar comuns: Este teu movimento pertence à História do teu país (pensemos num movimento minúsculo, como, por exemplo, um polegar que se ergue); este outro pertence à História da tua família, enquanto aquele, sim, pertence à tua História pessoal.

Poderíamos assim analisar os movimentos de um indivíduo por via da relação do peso entre os diferentes tipos de influências, podendo classificar-se como mais livre e mais criativo aquele em que a sua História pessoal tenha um maior peso nos seus movimentos. Aquele, em suma, que tiver uma musculatura menos social e mais individual.

Pobre daquele de quem se pode dizer: nenhum movimento é seu ou da sua biografia, todos os movimentos que ele faz recebeu-os não os fez, e recebeu-os do país, da cidade, da escola e da família. Não é proprietário das propriedades que importam, pois nenhum movimento lhe pertence.

Tal como existem os livre-pensadores, defendemos a necessidade da existência - começando pelo início: por defini-la verbalmente - de livre-atletas ou de livre-actores, de homens livres nos seus movimentos corporais, que agem livremente, sem constrangimentos de qualquer espécie, responsabilizando-se individualmente pela criação de cada um dos seus movimentos, tal como os livre pensadores pensam sem constrangimentos e com total responsabilização individual.

Que tal, pois, pensar em modalidades atléticas que exijam, cada vez mais, movimentos novos, invulgares, raros?

* Texto adaptado com base em fragmentos do livro "Atlas do Corpo e da Imaginação", Gonçalo M. Tavares, Editora Caminho.

Gonçalo M. Tavares é um dos mais conceituados escritores portugueses com um percurso literário amplamente reconhecido a nível nacional e internacional. Mais de 30 títulos publicados, de diferentes géneros literários, cerca de 290 traduções em trinta e seis línguas, com edição em quarenta e oito países. É um dos dez escritores que fazem parte do Comité do Finnegan's List 2014, European Society of Authors. Da extensa lista de reconhecimento realce para o Prix littéraire Européen (2011), o Grande Prémio de Romance e Novela APE (2011), Prémio Portugal Telecom Brasil (2014, 2011 e 2007), Prix du Meilleur Livre Étranger (2010), Prémio Belgrado (2009),

²⁷ Escreve Sêneca em "Da vida feliz": "Curar-nos-emos na condição de nos separarmos da multidão"; e, um pouco mais à frente, ainda com maior violência: "a opinião da multidão é o indicio do pior." (Sêneca - Da vida Feliz; Epicuro - Carta sobre a felicidade, 1994, p. 43, Relógio d'Água.)

²⁸ Como reconhecer o outro? Como reconhecer algo que une? Responde Zambrano, lembrando os Pitagóricos: reconheci-o porque "obedecia à mesma música". Eis uma forma brilhante de identificar o corpo-pátria, esse corpo de comunidade. Como lembra ainda Zambrano, a função inicial da música não era o prazer de quem a ouvia, mas sim a obediência. (Zambrano, Maria - O Homem e o Divino, 1995, p. 98, Relógio d'Água.)

²⁹ Cortázar escreve, sobre os hábitos, sobre os movimentos que já não são nossos:

"Um homem encontra um amigo e cumprimenta-o, apertando-lhe a mão e inclinado ligeiramente a cabeça.

Pensa que assim o cumprimenta, mas o cumprimento já foi inventado e este homenzito mais não faz que alinhá-lo no cumprimento." (Cortázar, Júlio - Histórias de Cronópios e de Famas, 1999, p.75, Estampa.)

Valéry, na mesma linha de raciocínio, não sobre o movimento exterior, mas sobre o movimento da mente alude a um "regime mental mais frequente" que cada um tem, ("hábitos de pensamento") e do qual se deve afastar para pensar, imaginar, criar. (Valéry, Paul - Teoria poética e estética, 1998, p. 77, Visor).

PENSAR O CORPO ATRAVÉS DO DESPORTO, HOJE: LIMITE OU SUPERAÇÃO? HARMONIA OU EXCESSO?

João Tiago Lima

Comecemos por uma interrogação básica: de que falamos quando falamos de desporto? Pergunta inútil, dirão uns. Questão para a qual não há resposta consensual, defenderão outros. Num certo sentido, quer uns, quer outros não estão completamente errados. É que, se, por um lado, o desporto é um dos fenómenos mais presentes na paisagem do mundo contemporâneo (e, por isso, à primeira vista pelo menos, todos sabemos acerca do que falamos quando falamos de desporto), por outro, não é nada fácil chegar a um acordo quanto ao significado unívoco de um conceito que remete para actividades e muitos contextos muito diversos entre si. No entanto, estas dificuldades não nos autorizam, por si só, que fuçamos ao problema.

Assim, e pelo menos provisoriamente, podemos dizer que desporto é, hoje, ao mesmo tempo, um espectáculo televisivo de massas e uma actividade física formalmente organizada e que requer uma elevada especialização técnica. Por que razão alcançou o desporto, como prática e como espectáculo, a importância que tem na civilização contemporânea? Eis uma resposta possível que, no longínquo ano de 1937, foi dada pelo filósofo Sílvio Lima: «O desportista baseia o seu prestígio, ou fundamenta os seus méritos, não sobre privilégios de casta, de herança ou de riqueza, mas sobre autênticas, irrefragáveis qualidades pessoais, adquiridas laboriosamente mercê dum esforço individual, livre, paciente e disciplinado» (Ensaio sobre Desporto, 1937). Mais recentemente, o filósofo francês Luc Ferry explicita esta ideia. No desporto, as «hierarquias [definem-se] (...) numa base estritamente democrática. É por isso que a batota é, no domínio desportivo, o pecado mortal, porque infringe o princípio sacrossanto da democracia: o princípio da igualdade de oportunidades» (Congrès du Havre, 1997).

Centremos agora a nossa atenção no desporto, definido como prática. O desporto é uma actividade física, sem dúvida! Implica condicionantes motoras como a força, a resistência e a velocidade. Por outro lado, trata-se de uma competição em que duas ou mais pessoas se confrontam mediante regras formais que os adversários (colaboradores antagonistas, dizia Sílvio Lima) comumente aceitam. Sem regra, não há desporto! Na verdade, as regras têm no desporto um valor ontológico (Yves Vargas). Podemos imaginar uma sociedade sem lei, mas sem regras o desporto deixa de o ser. No entanto, e desde que os competidores estejam de acordo, as regras podem mesmo ser mudadas ou até inventadas. No desporto, a competição significa auto e hetero-emulação, estando isso bem expresso na expressão olímpica *citius-altius-fortius*. Contudo, uma nova questão impõe-se: quais são ou quais deverão ser os limites dessa competição?

É evidentemente tentador estabelecer uma analogia entre as representações visuais do que chamamos desporto antigo e

uma certa imagem que associamos ao espírito olímpico que tem repercussões estéticas e, convém nunca o esquecer, comerciais e políticas. Não há dúvida de que o próprio ideário olímpico radica simbolicamente nessa analogia. Ainda assim, convém não esquecer que as raízes gregas do desporto nascem num mundo fechado que privilegia, antes de mais, os valores do limite e da harmonia. Por seu turno, para a civilização grega, o ilimitado era visto como o imperfeito, ou seja, como o inacabado ou o insuficiente. Nesse contexto, a actividade física (e, portanto, também aquilo que podemos considerar o precursor do desporto moderno) visa estabelecer a harmonia entre o homem (micro-cosmos) e o mundo. Por isso, a actividade física no mundo antigo não pode ultrapassar a as finalidades determinadas pela *physis* – o atleta realiza as suas potencialidades e não vai, ou não deve ir, além delas (não há a ideia de record). É essa razão pela qual a ginástica na Antiguidade tem um fim médico e pedagógico, nomeadamente militar.

A ideia (que, em bom rigor, caracteriza grande parte do desporto moderno) segundo a qual o atleta deve procurar superar os seus próprios limites é fortemente contestada no mundo grego. A título de exemplo, vejamos como, em A República, Platão faz Sócrates exprimir-se quanto a este ponto. Falando com Gláucon sobre os benefícios da educação militar, Sócrates defende que «A [alimentação diária dos atletas] é um tanto ou quanto sonolenta e precária para a saúde. Ou não vês que passam a vida a dormir e que, se se afastam um bocado da dieta prescrita, esses atletas adoecem muito gravemente?» (A República 404a).

Ora, o universo definido pela modernidade rege-se por um horizonte cosmológico completamente diferente. Se a invenção do telescópio por parte de Galileu (1564-1642) permite superar uma perspectiva qualitativa do universo, a dúvida metódica de Descartes (1596-1650) vai minar os alicerces da fundamentação divina da verdade. Doravante, a modernidade opõe, através de um longo e complexo caminho, liberdade e natureza. A primeira decorrente da vontade humana que não parece ter limites e, por isso, o progresso histórico também parece não ter fim. A segunda condicionada às leis da ciência que tudo parecem explicar matematicamente. Daí o cariz paradigmático da célebre frase de Kant (1724-1804): «Duas coisas enchem o ânimo de admiração e veneração sempre novas e crescentes, quanto mais frequentemente e com maior assiduidade delas se ocupa a reflexão: O céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim» (Crítica da Razão Pura, 1788).

O desporto, fenómeno intrinsecamente moderno, pode então definir-se como *hybris*, ou seja, vontade permanente de superação dos limites. O atleta é visto, e vê-se a si mesmo, como uma incessante e quase ilimitada hetero e auto-construção (física, técnica, emocional, estratégica, icónica, política, comercial...).

E o que é a obsessão insaciável pelos records no desporto moderno senão uma perspectiva quantitativa da actividade física? Por vezes, essa vontade de superação passa mesmo para os espectadores do desporto. O escritor Paul Auster, num fascinante diálogo epistolar com o também escritor (e Prémio Nobel, de resto) J.M.Coetzee, dá conta disso mesmo quando confessa: «Exercise for the sake of exercise has always bored me. Sit-ups and push-ups, jogging around the track "to stay in shape," lifting weights, tossing around a medicine ball do not have the same salutary effect produced by competition. By trying to win the game you are playing, you forget that you are running and jumping, forget that you are actually getting a healthy dose of exercise. You have lost yourself in what you are doing, and for reasons I don't fully understand, this seems to bring intense happiness. There are other transcendent human activities, of course – sex being one of them, making art another, experiencing art yet another, but the fact is that the mind sometimes wanders during sex – which is not always transcendent! – making art (think: writing novels) is filled with doubts, pauses, and erasures, and we are not always able to give our full attention to the Shakespeare sonnet we are reading or the Bach oratorio we are listening to. If you are not fully in the game you are playing, however, you are not truly playing it.» (Here and now - Letters 2008-2011, 2013).

Dito isto, e para concluir, perguntemos: o que significa pensar o corpo, hoje, através do desporto? Dizemos e ouvimos dizer com frequência que estes ou aqueles desportistas profissionais estão (ou não estão) em forma. É mesmo habitual afirmar-se nos dias que correm que, por exemplo, Rafael Nadal parece não ser o mesmo, ou seja, não exhibe a forma que já foi a sua, digamos, há alguns meses ou anos atrás. Em contrapartida, reconhecemos, com satisfação e até com o sentimento de que se está a repor uma certa justiça, que Néelson Évora parece estar a regressar aos seus bons velhos tempos, ou seja, a saltar para a sua antiga boa forma.

Mas, afinal, o que significa estar em forma? Significa vencer a irreversibilidade da decadência física? Será esse o caso de Rafael Nadal? Conseguirei eu mesmo, desportista de recursos bastante modestos, pesar o que pesava e correr o que corria há dez anos atrás? Ou, vendo as coisas de um prisma distinto, estar em forma significa definir

e ultrapassar infinitamente novas metas? Conseguirá Cristiano Ronaldo marcar seis golos num jogo só? (Triplo)-Saltará Néelson Évora alguma vez mais de dezoito metros? Será possível correr, um dia, os cem metros em menos de nove segundos e cinquenta centésimos?

Quer num caso, quer no outro, estamos muito longe do que, por exemplo, Hipócrates (460-370 aC) preconizava quando dizia que o médico não deve atrapalhar nem agredir a natureza, mas apenas ajudá-la. Ou quando afirmava que que cada homem é submetido a um conjunto de influências incomparáveis que fazem dele uma singularidade (micro-cosmos). Ou mesmo quando defendia a tese segundo a qual muitas vezes a natureza, por si só, é curativa e repara os seus próprios males. Claro que é sempre possível admirar, defender ou até recuperar agora estes e outros princípios hipocráticos, mas será que eles têm alguma coisa a ver com o desporto, pelo menos tal como o concebemos hoje?

É que a essência do desporto de alto rendimento reside na sua artificialidade intrínseca. Por exemplo, Dick Fosbury revolucionou o salto em altura e venceu a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos da Cidade do México (1968) inventando uma estranha forma de ultrapassar uma fasquia que está a um nível quase sobre-humano. O que parecia estranho, excessivo, anti-natural, (anti-hipocrático?) ou mesmo louco quando Fosbury apareceu, veio a tornar-se entretanto na técnica padrão desta modalidade.

Reparemos num outro exemplo, este rigorosamente dos nossos dias. O jogador de rugby profissional Uini Atonio, internacional da selecção francesa, tem vinte e cinco anos, mede um metro e noventa e cinco centímetros de altura e pesa cento e cinquenta e cinco quilos. Seria absolutamente injusto dizer que os méritos desportivos de Atonio (que, medicamente será porventura considerado um doente que sofre de obesidade) dependem exclusivamente da sua constituição física. Mas também seria pouco exacto sustentar a ideia de que essa constituição (digamos: muito pouco hipocrática) nada tem a ver com a sua performance competitiva. Fosbury e Atonio, cada um à sua maneira, acabam por ilustrar, em nosso entender, a contradição insanável do desporto na contemporaneidade que vive um equilíbrio instável entre dois pólos conceptuais: Harmonia ou excesso? Limite ou superação? Residirá nesse paradoxo a origem do ilimitado fascínio que o desporto exerce sobre as sociedades contemporâneas? Sem dúvida. Mas, ao mesmo tempo, esse mesmo paradoxo convida a ver este fenómeno global de massas como um magnífico laboratório que nos ajude a pensar o destino e o sentido do humano, num tempo em que estes conceitos parecem cada vez mais problemáticos.

ESTÉTICA DO CORPO DESPORTIVO³⁰

Teresa Oliveira Lacerda

João Tiago Lima é Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora e Investigador do Centro de Investigação em Ciência Política (CICP). Estuda e ensina nas áreas de Filosofia em Portugal, Antropologia Filosófica, Filosofia do Desporto e Bioética.

As suas principais publicações são: "O Fogo do Espírito. Desporto, Olimpismo e Ética". Lisboa: Academia Olímpica de Portugal – Comité Olímpico de Portugal, 2007; "Existência e Filosofia. O ensaísmo de Eduardo Lourenço". Porto: Campo das Letras, 2008; "Falar Sempre de Outra Coisa Ensaio Sobre Eduardo Lourenço". Lisboa e Guarda: Centro de Estudos Ibéricos-Âncora Editora, 2013.

Destaca-se ainda a publicação de artigos ou capítulos de livros: "The Competitive Perception", Sport, Ethics and Philosophy 6, 1, 2012, London: Routledge e "Ética e Desporto Profissional. Considerações a partir da perspetiva filosófica de Sílvio Lima", AAVV (Org. Michel Renaud) Ética e Valores no Desporto, Porto, Afrontamento, 2014.

Transformações bruscas e profundas a nível social, económico, científico e tecnológico são alguns dos sinais que marcam a sociedade contemporânea. Um outro sinal dos tempos é igualmente a valorização atribuída ao corpo: da ciência à filosofia, da arte ao desporto, o interesse sobre o corpo manifesta-se numa multiplicidade de discursos, em que a linguagem corporal se assume como uma forma de expressão que viabiliza e promove a comunicação e a interacção social. Há quem considere até que se está a cair num certo exagero e vários autores chamam a atenção para o conceito de sociedades somatófilas, nas quais o corpo é cultivado de forma exacerbada.

O desporto actual é bem o resultado da evolução das ciências do desporto e da tecnologia, colocadas ao serviço do seu desenvolvimento. Nunca o ideal olímpico mais rápido, mais alto, mais forte, atingiu o expoente verificado nos últimos anos. Torna-se um pouco difícil perspectivar o como para a obtenção de melhores marcas, de novos records em algumas modalidades desportivas no futuro. Parece ter-se atingido um nível de tal modo elevado, sobretudo em termos de solicitação das capacidades físicas e de limites biológicos, que se torna urgente encontrar novas dimensões balizadoras do sucesso desportivo. A dimensão estética pode concretizar uma dessas possibilidades.

Focalizar um olhar estético no desporto significa colocar novos desafios a quem pratica e a quem vê, a quem faz e a quem refaz o espectáculo desportivo. Como Schiller (1994, p. 93) pensamos que "A realidade das coisas é obra dessas mesmas coisas; a aparência das coisas é obra do ser humano, e um ânimo que se deleita com a aparência já não sente prazer no que recebe mas no que faz." Não se confunda a aparência a que se refere Schiller com uma visão epidérmica. A aparência, em estética, significa dar existência visível àquilo que é invisível para a visão comum; o olhar estético é um olhar de profundidade que penetra as linhas, as formas, os relevos, os volumes, as texturas, a luz, as melodias, as tensões do corpus desportivo. O olhar estético "É, não raras vezes, um olhar que transgride, que extravasa, que recusa uma visão de superfície, para exercer sobre a realidade uma visão profunda." (Machado, 2000, p. 52). É isso que lhe permite fazer uma leitura não unívoca mas plural do acontecimento desportivo, abrindo novas possibilidades e desafios à fruição. Trata-se de uma fruição dinâmica, que não se esgota na contemplação passiva. É antes uma contemplação implicada, que interpela, que questiona, que redimensiona, que reconfigura. E assim transporta uma energia renovada ao desporto permitindo

que, tal como acontece com os objectos artísticos, um acontecimento desportivo possa ser revisitado diversas vezes, sendo possível em cada uma delas realizar novas leituras, desvendar novas relações.

Neste sentido em muito contribuem as possibilidades oferecidas pelas modernas tecnologias da imagem, que não são de todo estranhas à estética do desporto e à comunicabilidade da experiência estética. Bem pelo contrário. Há uma pluralidade de aspectos que resultam valorizados pela melhoria do enquadramento técnico (sobretudo devido à multiplicação do número de câmaras), pela qualidade de recolha do som ambiente, pelos efeitos especiais, pela selecção dos ralents que podem engrandecer de forma particular o movimento corporal. Se o gesto é por definição, dinâmico, fragmentário e episódico, as imagens ajudam a fixá-lo (Ribeiro, 1994).

Na sociedade mediatizada do século XXI, em que impera o imagocentrismo, a imagem do corpo desportivo adquiriu um protagonismo nunca antes alcançado. O corpo limpo, plano, lustroso, jovem, saudável, sedutor, exerce uma forte atracção sobre o imaginário social que, a qualquer preço, procura aproximar o seu corpo deste estereótipo tão difundido. Se é certo que a atracção sobre a forma é algo que caracteriza o domínio da estética, certo é também que, enquanto categoria antro-filosófica, a estética se refere a, pela forma, atingir uma singularidade. As formas do desporto são múltiplas, o que alimenta e promove a sua originalidade.

De modo inadequado, a estética do desporto é associada, quase exclusivamente, às formas do corpo de alguns desportistas o que, em termos de tipo morfológico, radica no ectomorfismo – percentagem elevada de massa magra e muscularidade moderada. Como é óbvio, a morfologia corporal constitui objecto de apreciação, intervindo como um factor de influência na estruturação da experiência estética desencadeada pelo desporto. Contudo, o olhar estético amplia, ao invés de reduzir, as possibilidades do corpo, o que significa que a diversidade de tipos morfológicos exibida pelo corpo desportivo expressa as suas potencialidades em termos de valor estético.

O corpo da competição

Ao metamorfosear-se, pelo exercício físico e pelo treino, o corpo desportivo evidencia-se, na expressão de Cunha e Silva (1999), como um corpo de variabilidades, que revela todas as suas possibilidades plásticas por intermédio do

³⁰ Este trabalho constitui uma versão revista do artigo com a referência: Lacerda, T.O. (2007). Uma Aproximação Estética ao Corpo Desportivo. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 7 (3), 393-398.

movimento desportivo. A plástica do corpo em movimento traduz-se nas linhas, formas, relevos, volumes daquele corpo que preenche o espaço e ocupa o tempo com o movimento. O corpo humano, graças ao treino intensivo a que pode ser submetido, adquire qualidades e graus de plasticidade óptimas. Pode quase afirmar-se que o corpo é uma matéria plástica, no sentido em que é, de certa forma, modelável (pelo exercício físico e pelo treino).

No domínio das artes plásticas, a intensa atracção pelas formas do corpo, remonta à arte pré-histórica, sendo que as proporções do corpo sempre fascinaram os artistas, representando-as como uma realidade mágica, no caso da arte egípcia, ou como um ideal estético, na arte grega, ou sendo celebradas como uma encarnação visível da harmonia musical e astral, na arte renascentista (Maisonneuve e Bruchon-Schweitzer, 1981). O corpo desportivo continua a inspirar a arte do nosso tempo: a literatura, o cinema, a arquitectura, a fotografia, as artes plásticas ou a dança, encontram na liberdade de movimentos expressa pelo corpo desportivo, fonte originária para a criação artística. O atleta joga com o valor estético do desporto, expondo categorias como a força, a velocidade, a habilidade ou a disputa, produzindo no artista um sentimento de identidade, que o impele a entrar no jogo. A participar no grandioso e mediático jogo de futebol, no qual o corpo colectivo encontra um dos espaços mais excelentes de expressão, ou no não menos grandioso e igualmente mediático combate de boxe, protagonizado pelo corpo individual.

A este propósito é oportuno evocar o fascínio que o boxe tem exercido sobre a arte. O corpo do boxeur é treinado e disciplinado para resistir e sobreviver, qual metáfora da inexorável condição humana. O nada ou a glória, como refere Antón Castro (2006), escritor espanhol, que encontra no desporto a exaltação das linguagens do corpo. Talvez o fascínio dos artistas pelo boxe, até pelo desporto em geral, se encontre alicerçado na polissemia do corpo desportivo que procuram expressar, “por meio de estéticas muito diferentes, em alguns casos crípticas ou poéticas, noutros puramente conceptuais, noutros ainda de um realismo inquietante ou apenas sugerindo de forma calculada, [em todas as circunstâncias] o que se destaca é a imaginação, a invenção, o livre sentido de jogo do artista para captar o movimento, a tensão de um rosto, a beleza de um músculo, a agonia de uma chegada, a elegância de um salto, o estremecimento colectivo e mesmo a recuperação, a reestruturação constante do corpo, nessa paixão por competir, que se configura como uma aspiração pela perfeição e pela verdade.” (Antón Castro, 2006).

Ao expressar-se através do corpo, o movimento desportivo adequa-se, ao mesmo tempo que é adequado, ao morfótipo do atleta. Da ginasta de rítmica ou do saltador em altura espera-se linearidade, que permita amplitude de movimentos e grande impulsão vertical; do halterofilista ou do culturista espera-se significativa hipertrofia muscular que possibilite manifestações superlativas de força em regime de potência; dos lutadores sumo esperam-se quantitativos excepcionais de massa gorda. O corpo do desportista comunica, é um corpo-livro (Ribeiro, 1994), que através da sua narrativa conta a história daquela pessoa que é o atleta. A harmonia entre o tipo morfológico e a tipologia do movimento é fundamental neste processo de comunicação. Procura-se, assim, uma relação perfeita (porque harmoniosa e equilibrada) entre forma e função, ou seja, entre o modelo do corpo e o movimento que lhe é requerido pela modalidade em causa.

O corpo deficiente

No movimento do corpo diferente, deficiente, o desporto descobriu um outro espaço para manifestar a sua estética. Na sociedade da imagem em que estamos imersos o corpo é, como sublinha Rodrigues (2005, p. 40), “um factor de inclusão ou de exclusão social. A comunicação que ele veicula aproxima ou afasta as pessoas de determinadas realidades sociais.”

As malformações corporais, congénitas ou adquiridas, atentam contra a integridade estética e funcional do corpo. Os indivíduos deficientes podem apresentar uma aparência física que choca e angustia os ditos normais, que têm dificuldade em reconhecer valor estético no corpo diferente. O corpo que se afasta do estereótipo do da pessoa normal é frequentemente considerado menos belo, despertando atitudes de rejeição e de repulsa.

O desporto para deficientes sinaliza um exemplo de como o corpo diferente possibilita a abertura a novos olhares sobre o corpo desportivo, olhares esses que alargam e enriquecem os horizontes da estética do desporto. A força, a graça, a perfeição, a elegância, o equilíbrio, o ritmo, a criatividade, a transgressão, a superação, adquirem um valor semântico acrescentado por meio das performances exibidas pelo corpo desportivo deficiente.

Se é certo que o desporto de alta competição exige entrega total, talento e desgaste físico, do desportista deficiente ele exige tudo isto de forma ampliada, na medida em que à luta para chegar mais alto e ser mais rápido e mais forte, se junta o combate contra os estigmas que acompanham o atleta enquanto portador de um corpo deficiente. Deste

modo, a categoria transcendência contribui de forma muito expressiva para a estética do desporto para deficientes.

Busca, força, inspiração, celebração foram o lema dos Jogos Paralímpicos de Atenas 2004. Os heróis da mitologia grega, que ultrapassavam a sua capacidade humana, oferecendo narrativas únicas com as suas conquistas, revelam-se como uma imagem excelente da transcendência a que o corpo deficiente acede através do movimento desportivo. Busca do nunca antes alcançado, força para mostrar que quando os deficientes são a referência, os diferentes podem ser os normais, inspiração na criação de momentos de uma emocionalidade singular, celebração da liberdade, que não se aprisiona em corpo nenhum, muito menos no do desportista deficiente.

O corpo envelhecido

A liberdade do corpo por meio do desporto expressa-se também através do desporto para seniores, que reequaciona o valor estético do corpo. A sociedade contemporânea impõe o desequilíbrio entre a idade biológica e a aparência física, de modo que envelhecer deixou de ser natural, tornou-se quase perverso. Há que envelhecer mantendo um aspecto belo, jovem e saudável. Claro que a associação entre desporto e saúde é hoje em dia absolutamente pacífica, apresentando-se muito consistente a fundamentação científica quanto aos benefícios do exercício físico na redução, por exemplo, dos acidentes cardiovasculares e dos acidentes vasculares cerebrais, sobretudo devido ao controlo e diminuição dos factores de risco. Mas qual o papel da estética no domínio do desporto para os mais velhos? Ao nível do senso comum, o papel do desporto respeita, principalmente, à manutenção de uma forma física que se afaste da flacidez e da obesidade.

Para as mulheres, sobre as quais a pressão social relativamente ao estereótipo corporal se exerce de forma mais acentuada do que em relação aos homens, a utilização do desporto como um meio de esculpir o corpo pode tornar-se quase uma obsessão. Numa sociedade em que se inventam e reinventam, a um ritmo frenético, meios para manter a juventude, mas em que não se ensina a lidar e a aceitar o declínio do corpo com a idade, as categorias morais culpa e censura podem perturbar significativamente o quotidiano do género feminino (e cada vez mais também o do masculino).

No domínio filosófico, a estética há muito transpôs a norma, o padrão, o cânone. O olhar estético procura

insistentemente desvendar novas formas nas formas estereotipadas, jogar com a luz, com as sombras, com o espaço, com o tempo, com o belo e com o feio. O nosso corpo deve ser um lar, não uma prisão. A forma como o vemos e como com ele convivemos deve ser estética, mas não no sentido anestésico que prolifera actualmente. Os gordos, os baixos, os calvos, os flácidos, os pouco bronzeados, os velhos, são invisíveis, estamos anestesiados perante a sua presença, eles tornam-se transparentes aos nossos olhos. No entanto, o corpo envelhecido tem um valor estético próprio, na medida em que preserva a memória da vida por que passou, revela a história do ser do homem no mundo (Heidegger, 2005). Para o atleta sénior que continua a escrever a história da sua vida com e pela realização do desporto, esta é uma possibilidade tangível de actualização do ideal humano de transcendência.

No domínio estético o desporto para seniores terá que projectar para primeiro plano a categoria estética liberdade. O corpo envelhecido que pratica desporto é mais livre, não apenas porque tem mais força, maior amplitude de movimentos, mais agilidade, mais equilíbrio, mas também porque é mais capaz de harmonizar a aparência com a essência.

Considerações finais

Se actualmente o desporto pode ser olhado como mais um dos palcos em que o corpo contemporâneo oscila entre um desejo de superfície e um desejo de profundidade, a estética do corpo desportivo pode representar um espaço de conciliação e de harmonia, espaço de libertação, e não de constrangimento, do desportista e do homem do século XXI. Neste sentido, o desporto emerge como um lugar no qual se abre espaço para a realização do melhor que existe na natureza humana, lugar em que se cumpre o ideal grego da areté, ou os feitos valerosos evocados por Camões, que se inscrevem não apenas na história do desporto mas sobretudo na história da cultura.

Referências bibliográficas

CASTRO, A. (2006). Deporte, arte y cultura [Em linha]. [Consult.2007-03-07]. Disponível em <http://antoncastro.blogia.com/2006/030201-deporte-arte-y-cultura.php>

CUNHA E SILVA, P. (1999). O lugar do corpo. Elementos para uma cartografia fractal. Lisboa: Instituto Piaget.

MACHADO, I. (2000). Corpo e espaço: Elementos para uma leitura do corpo performativo através das artes plásticas no século XX. Dissertação de Mestrado. Porto: FCDEF-UP.

MAISONNEUVE, J.; BRUCHON-SCHWEITZER, M. (1981). Modèles du corps et psychologie esthétique. Paris : Presses Universitaires de France.

RIBEIRO, A.P. (1994). Dança temporariamente contemporânea. Lisboa: Vega.

RODRIGUES, D. (2005). Corporeidade e exclusão social. In David Rodrigues (ed.), O corpo que (des) conhecemos. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

SCHILLER, F. (1994). Sobre a educação estética do ser humano numa série de cartas e outros textos. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, trad., introd. Teresa Rodrigues Cadete.

Teresa Oliveira Lacerda é Professora Auxiliar da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Doutorada em Ciências do Desporto, Coordenadora do Gabinete de Estética do Desporto e membro efetivo do Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto (CIFID) da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

É Vice-Presidente da Associação Latina de Filosofia do Desporto e membro do Conselho Executivo da Associação Internacional de Filosofia do Desporto e Membro do Conselho Editorial de diversas publicações especializadas (Filosofia do Desporto).

FICHA TÉCNICA

Autores

Rui Proença Garcia
Ana Paula Jardim
Camilo Cunha
Jorge Crespo
Gonçalo M. Tavares
João Tiago Lima
Teresa Oliveira Lacerda

Coordenação e Revisão

Rita Nunes

Design e produção gráfica

verse.pt

Tiragem

1000 exemplares

ISBN: 978-972-98307-3-0



Comité Olímpico de Portugal
Travessa da Memória, 36
1300 - 403 Lisboa